



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

MARIANE CRISTINA SOUZA DE OLIVEIRA

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: A CERÂMICA SÃO LUIZ

Barretos- SP

2019



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

MARIANE CRISTINA SOUZA DE OLIVEIRA

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: A CERÂMICA SÃO LUIZ

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, lato sensu – a distância, do Programa de Pós-graduação em Arte-PPG-Arte, Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a M.^a Cilene Rodrigues Carneiro Freitas

Barretos- SP

2019



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

MARIANE CRISTINA SOUZA DE OLIVEIRA

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: A CERÂMICA SÃO LUIZ

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, lato sensu – a distância, do Programa de Pós-graduação em Arte-PPG-Arte, Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Barretos, 29 de março de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a M.^a Cilene Rodrigues Carneiro Freitas

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Karina pelo apoio e a Cerâmica São Luiz pela oportunidade de acesso e conhecimento acerca da história da cidade de Ribeirão Preto.

Agradeço a Elaine Ruas, Cilene Rodrigues Carneiro e Sandra Regina Santana Costa pela paciência e pelo incentivo.

Resumo

A Cerâmica São Luiz é um patrimônio histórico da cidade de Ribeirão Preto. É um espaço em que dezenas de pessoas se reúnem para festejar, celebrar, compartilhar, lutar, conviver a partir de atividades desenvolvidas pela ONG VivaCidade responsável pelo trabalho de conservação, ocupação e de educação patrimonial. A Cerâmica é marco no reconhecimento da resistência da sociedade civil para conservação de bens históricos da cidade, visto que foi um espaço de disputa entre sociedade civil e privada em que de um lado houve o reconhecimento da Cerâmica como um patrimônio da cidade e de outro o pensamento acerca da demolição em prol da modernização da cidade. A partir do reconhecimento das ações direcionadas a viabilidade, ao uso educacional e cultural do espaço realizados pela ONG VivaCidade, o trabalho pretendeu buscar informações e fatos históricos acerca dos elementos que permitam compreender o processo de tombamento vinculado a história da Cerâmica deste patrimônio da cidade de Ribeirão Preto, assim como perceber e mapear as ações que podem contribuir para a elaboração de um modelo de apropriação, restauração, ocupação, acessibilidade e de educação patrimonial exercido pela sociedade civil. Trata-se de uma pesquisa exploratória com uso de fontes documentais dispostas nos arquivos físicos e online da ONG, associada à literatura específica e incursões etnográficas para observação e contextualização do espaço. Sendo um patrimônio histórico e cultural da cidade de Ribeirão Preto em que passado e presente se confluem através das memórias, lutas e resistências da sociedade civil, a abordagem qualitativa se fez presente uma vez que foi considerado que os saberes são construídos entre as pessoas, suas vivências, seus sonhos e suas lutas. O estudo desenvolveu-se enquanto uma pesquisa bibliográfica e documental, visto que as fontes de informação foram desde pesquisas, dissertações e trabalhos de conclusão de curso, como notícias, documentos oficiais e fotos mantidas no acervo. O tratamento das informações seguiu critérios baseados na análise de conteúdo sem perder de vista a abordagem qualitativa na análise dos dados, a fim da compreensão do contexto e principalmente do reconhecimento de que a história é construída pelas pessoas que dela fazem parte. A pesquisa pretende fortalecer o trabalho desenvolvido na Cerâmica São Luiz e possibilitar reflexões acerca da educação patrimonial.

Palavras-chave: educação patrimonial; patrimônio industrial; preservação patrimonial

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fachada da Cerâmica São Luiz	16
Figura 2: Demolição da Cerâmica São Luiz- I	18
Figura 3: Pórtico da Cerâmica São Luiz	36
Figura 4: Cerâmica São Luiz, 1997	36
Figura 5: Cerâmica São Luiz, vista panorâmica, 1997	37
Figura 6: Cerâmica São Luiz, vista panorâmica atual, 2018	37
Figura 7: Área externa com bancos	39
Figura 8: Área externa com paralelepípedos.	39
Figura 9: Cerâmica Mostra Teatro.....	40
Figura 10: Demolição da Cerâmica São Luiz- II.....	47
Figura 11: Demolição da Cerâmica São Luiz- III	47
Figura 12: Protesto contra a demolição da Cerâmica São Luiz	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Caracterização dos documentos localizados no acervo da Cerâmica São Luiz.	60
Quadro 2: Reportagens sobre Cerâmica São Luiz	62
Quadro 3: Eventos realizados na Cerâmica São Luiz no ano de 2018	64

LISTA DE SIGLAS

BTC	British Transport Commission
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDEP	Centro de Documentação e Educação Patrimonial
CONPPAC	Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural de Ribeirão Preto
CMI	Casa da Memória Italiana
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ONG	Organização Não-Governamental
RIH	Rede Internacional de Hipermercado
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
UGT	Memorial da Classe Operária

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A CERÂMICA SÃO LUIZ	15
1.1 Tombo nº 0002 - Elementos remanescentes da antiga Cerâmica São Luiz.....	17
CAPÍTULO 2: PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO	21
2.1 Patrimônio e Memória	21
2.2 Educação Patrimonial	22
2.3 O Patrimônio Industrial	24
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	29
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	35
4.1 Cenários: percepções da Cerâmica São Luiz.....	35
4.2 A história da Cerâmica São Luiz através dos documentos.....	40
4.3 ONG VivaCidade e a luta civil pela Cerâmica São Luiz.....	45
4.4 A ocupação cultural como prática de educação patrimonial	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE.....	60

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objeto a Cerâmica São Luiz, um patrimônio histórico da cidade de Ribeirão Preto, que atualmente é um espaço cultural que congrega dezenas de pessoas para festejar, celebrar, compartilhar, lutar envoltas em um sentimento de acolhimento e envolvimento com uma parte da história de Ribeirão Preto. A cidade de Ribeirão Preto está localizada no interior do Estado de São Paulo, a cerca de 315 km da capital do estado. Atualmente a cidade possui 694 534 habitantes, segundo o último dado publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2008.

A Cerâmica São Luiz está localizada na região central na cidade de Ribeirão Preto. O acesso é simplificado por meio do encontro entre as principais vias da cidade. A partir deste encontro se avista a fachada da Cerâmica São Luiz. A fachada é composta por um convidativo portal que permitiu, durante muitos anos, o acesso ao espaço interno da construção. Atualmente, o acesso ao interior da Cerâmica se dá pelo entorno de um hipermercado. Esse dado nos traz um dos primeiros elementos de análise desta reflexão. O acesso ao interior da Cerâmica é realizado a partir do estacionamento de um hipermercado. É preciso contornar este estacionamento para que se possa chegar até a Cerâmica. O convidativo portal, que anteriormente serviu como a porta de entrada, depende atualmente do espaço e em determinados momentos da autorização do hipermercado. A entrada da Cerâmica ainda guarda um forno, majestosas árvores, uma casa de pequeno porte, um galpão e um chão de paralelepípedos. A dinâmica espacial expõe os contrastes entre o passado e o presente em um único território.

As atividades sediadas na Cerâmica geralmente são programadas e divulgadas pelas redes sociais, como por exemplo, o *facebook*. As atividades agrupam eventos diversos como, por exemplo, feira de artesãos locais, grupos de pesquisa, apresentações artísticas como teatro, circo, música e saraus. Essa miscelânea de eventos torna o espaço um ambiente propício aos encontros com pessoas de diversas localidades e experiências na cidade.

Compreendo a sede da Cerâmica enquanto um local de encontro e de realização de atividades de caráter cultural e educacional. Normalmente, grupos de amigos se encontram na sede da Cerâmica para conversas informais e dividem o mesmo espaço com artesãos locais, apresentações artísticas e barraquinhas de comida como exposto acima.

As visitas à Cerâmica fazem parte de um importante momento em minha trajetória na cidade de Ribeirão Preto. A Cerâmica foi um dos primeiros lugares que conheci assim que me instalei na cidade, durante o mês abril do ano de 2018, com o objetivo de iniciar minhas

atividades como arte-educadora em uma instituição da cidade. Em meio aos momentos difíceis de mudança, de distância da família e amigos, a Cerâmica São Luiz representou a possibilidade de construir laços de amizade e acolhimento.

A Cerâmica, a partir das atividades desenvolvidas pela ONG VivaCidade e os grupos atrelados a ela, constitui um local de cultura e compartilhamento, sendo um local tombado como patrimônio histórico da cidade de Ribeirão Preto e reconhecido pela resistência da sociedade civil frente a uma instituição privada - uma rede internacional de hipermercados. Irei me referir a esta rede como RIH (Rede Internacional de Hipermercados). A RIH foi fundada na França, em 11 de Julho de 1959 por duas famílias de comerciantes. Fournier e Defforey, comandadas por Marcel Fournier, Denis e Jacques Defforey, uniram suas forças para começar um novo empreendimento. Atualmente a rede possui aproximadamente 160 lojas em 14 estados brasileiros.

A RIH adquiriu o terreno da Cerâmica São Luiz com o objetivo de demolir o prédio e construir uma nova loja no município. A frequência das visitas à Cerâmica e o acesso aos arquivos me permitiu recolher mais informações, fatos e percepções sobre a história do local, dos conflitos inerentes ao processo de tombamento e das atividades desenvolvidas atualmente pela ONG VivaCidade.

As informações recolhidas sobre a Cerâmica nas redes sociais, nas visitas aos eventos e nas buscas online, sempre se apresentavam de modo fragmentado. Nas pesquisas online, as informações encontradas geralmente tinham início com o processo de intervenção de um grupo empresarial (RIH) junto a Cerâmica São Luiz. Esse contexto expandiu meu interesse em relação à Cerâmica e a sua história na cidade. Questões como, quem criou a Cerâmica? Quais benefícios? Quem trabalhou neste espaço? Por fim, qual a sua importância na história do município a ponto de este lugar tornar-se patrimônio material na cidade de Ribeirão Preto? Quais atividades vêm sendo desenvolvidas? Qual o caráter das atividades desenvolvidas? Quem as desenvolve? Tornaram-se a motivação para a pesquisa que apresento.

O contexto da estruturação das políticas de cultura, nesse caso específico, de políticas de reconhecimento dos bens e práticas culturais tem gerado novas questões e consequentemente novos debates. Assim como em diversas vertentes de atuação e de construção de políticas sociais, a articulação de um campo normativo para a cultura e o patrimônio tem trago importantes tópicos no que tange a elaboração de rotinas e práticas positivas para os diversos grupos, agentes, produtores, gestores e o público em geral.

A demanda por reconhecimento dos patrimônios artísticos e culturais tem sido crescente como nos mostram os dados do próprio Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional (IPHAN). Aqui se trata tanto dos bens e patrimônios materiais quanto imateriais, nesse sentido novas discussões têm se configurado, visto que muitas vezes os processos em si, ou ainda como estes são geridos após o reconhecimento levantam questões mais relacionadas ao uso mercantilizado desses bens ou práticas.

A dimensão da monetarização não passa ao longe desses debates, já que o reconhecimento, ao passo em que se realiza, preza pela manutenção dos espaços gerando demanda pela aplicação de recursos, em outros casos, como por exemplos, parques naturais propiciam a exploração turística. Instaura-se aqui, muitas vezes, um paradoxo. Ao mesmo tempo em que o bem é preservado e reconhecido como patrimônio, seus usos tornam-se valorizados, sendo muitas vezes, hipervalorizados, seguindo uma lógica da especulação.

Os espaços e/ou as obras de arte representam espaços de construção coletiva, mesmo quando elaborados individualmente, retratam momentos coletivos representando espaços de memória, ambientes que trazem ao mesmo tempo memórias individuais e coletivas. Trazem a marca de um grupo ao mesmo tempo em que recordam costumes e dinâmicas deste no passado (HALBWACHS, 2003). Os locais recebem a marca dos grupos que nele ocupam e vice e versa, tanto as ações dos grupos podem ser traduzidas em referência ao espaço como o espaço ocupado pelo grupo só alcança seu significado com a reunião de todos os termos. Halbwachs (2003) afirma:

Se, entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvesse apenas uma relação muito acidental e de curta duração, os homens poderiam destruir suas casas, seu bairro, sua cidade, e reconstruir em cima, no mesmo local, outra cidade, seguindo um plano diferente- mas as pedras se deixam transportar, não é muito fácil modificar as relações que se estabelecem entre as pedras e os homens. [...] os grupos resistirão e, neles, você irá deparar com a resistência, se não das pedras, pelo menos de seus arranjos antigos (p.163).

As obras, os prédios, os parques são estratégias, recursos da memória materializados em molduras, objetos, quadros, paredes, portas, registrados em áudio, vídeos, ou seja, são elementos que constituem a memória de nações, famílias, grupos dos mais diversos. Ao constituírem memória permitem: 1) que novas gerações tenham acesso aos bens e práticas construídas pelas gerações que as antecederam; 2) o reconhecimento dos objetos e práticas construídas; 3) o acúmulo histórico; 4) a possibilidade de manutenção da memória; 5) o resgate coletivo de ações e por fim, 6) a reconstrução e o reconhecimento de elementos e práticas subalternizadas.

A indagação acerca da história da Cerâmica São Luiz surgiu a partir do reconhecimento das ações direcionadas a viabilidade, ao uso educacional e cultural do espaço. Essas ações têm sido realizadas, principalmente, pela Organização Não-Governamental

(ONG) VivaCidade¹. A ONG é, atualmente, a principal responsável pela Cerâmica São Luiz. As ações desenvolvidas por ela propiciaram reflexões respaldadas em um pensamento dialógico entre a busca da história com as práticas de educação patrimoniais exercidas e as práticas culturais e de ocupação do bem. Portanto, além do trabalho de resgate de informações e fatos históricos, perceber e mapear essas ações pode contribuir para a elaboração de um modelo de apropriação, restauração, ocupação, acessibilidade e de educação patrimonial exercido pela sociedade civil.

O reconhecimento da sede da Cerâmica como patrimônio histórico resultado da disputa entre uma empresa privada (RIH) e a sociedade civil, suscitou a busca por elementos que nos permitam compreender o processo de tombamento vinculado a história da Cerâmica, sendo este o objetivo geral da pesquisa. O objetivo geral se desdobrará nos objetivos específicos, esses por sua vez buscam aprofundar nossa compreensão sobre o processo de modo mais detalhado e como mencionado, apresentar a dimensão das atividades desenvolvidas na atualidade pela ONG VivaCidade.

A investigação foi realizada por meio de uma pesquisa exploratória com uso de fontes documentais dispostas nos arquivos físicos e online da ONG, associada a literatura específica e a incursões etnográficas a fim de buscar informações que possam responder os objetivos da pesquisa. Foi utilizado o levantamento bibliográfico e documental, visto que as fontes de informação foram desde pesquisas, dissertações e trabalhos de conclusão de curso, como notícias, documentos oficiais e fotos mantidas no acervo da Cerâmica São Luiz. Entendendo este espaço como um patrimônio histórico e cultural da cidade de Ribeirão Preto em que passado e presente se confluem através das memórias, lutas e resistências da sociedade civil, a abordagem qualitativa se fez presente uma vez que foi considerado que os saberes são construídos entre as pessoas, suas vivências, seus sonhos e suas lutas e a análise dos dados seguiu critérios baseados na análise de conteúdo.

A pesquisa está dividida em cinco capítulos, sendo o primeiro capítulo reservado à apresentação da Cerâmica a partir dos registros encontrados, fontes visuais e os elementos que compõe o processo de tombamento, bem como a ocupação atual da sede e a relação com a ONG VivaCidade. O segundo capítulo com enfoque no debate sobre o que sustenta parte da análise do trabalho, a relação entre patrimônio, memória, educação e patrimônio industrial. O

¹ A Organização Não-Governamental VivaCidade está localizada na Rua Municipal, 32, no encontro entre Via Norte e Rotatória Amir Calil, na sede da antiga Cerâmica São Luiz. Tendo sido fundada no ano de 1999. Atualmente a ONG é a responsável pela gestão e ocupação da antiga cerâmica. Fonte: https://www.facebook.com/pg/vivacidaderp/about/?ref=page_internal acesso em 10 de dezembro de 2018.

terceiro capítulo busca explicitar o caminho metodológico adotado na elaboração da pesquisa. O quarto capítulo compõe a análise das informações e discussão de dados em diálogo com os autores do referencial teórico a fim de compreender os diversos processos históricos da Cerâmica São Luiz. Por fim, as considerações finais pretendem sinalizar caminhos para pesquisas posteriores e apontar contribuições para este espaço histórico e cultural tão importante para a cidade de Ribeirão Preto.

CAPÍTULO 1: A CERÂMICA SÃO LUIZ

A Cerâmica São Luiz está localizada na Rua Municipal, 32, no encontro entre Via Norte e Rotatória Amir Calil, na divisa dos bairros mais antigos da cidade: Vila Tibério, Campos Elíseos e Ipiranga. Uma localização privilegiada e remonta ao início da história de industrialização de Ribeirão Preto. Em seus anos iniciais a Cerâmica representou uma grande mudança na economia da cidade, que até a década de 1930 fora movida pela economia do café e passou a ser movida pela indústria com a implementação de um parque industrial em 1940.

O Oeste Paulista, macro região onde está localizada a cidade de Ribeirão Preto, ganha destaque na expansão econômica do país com o declínio da economia cafeeira na região do Vale do Paraíba, originando uma produção cafeeira mais industrializada, as condições climáticas e a características do solo, somada a substituição após alguns anos dos negros africanos na condição de escravos pelos imigrantes, fez com que em poucos anos a produção do oeste paulista superasse a do Vale do Paraíba.

Entre as regiões destacamos de Campinas a Rio Claro, São Carlos, Araraquara, Catanduva, além da região de Campinas a Pirassununga, Casa Branca e Ribeirão Preto. A crise econômica vivenciada pelos Estados Unidos da América no ano de 1929 influenciou diretamente na economia cafeeira, reduzindo drasticamente a demanda pelo grão, causando a queda nos preços e o estoque abundante do produto. Foi a partir de 1930, com o governo de Getúlio Vargas, que foi possível assistir a retomada da economia nacional a partir do investimento na instalação dos primeiros parques industriais de maior robustez no país.

O contexto histórico apresentado acima auxilia na compreensão do papel desenvolvido pela Cerâmica a nível nacional e local, indicando que a Cerâmica simboliza a memória de operários e da própria região, com a construção de bairros operários e ainda dos imigrantes que desempenharam papel ativo no início do processo industrial no município de Ribeirão Preto.

Figura 1- Fachada da Cerâmica São Luiz



Fonte: Tony Miyasaka. Arquivo Público Municipal de Ribeirão Preto

O documentário produzido em 2017 por Adriana Silva e Antonio Bernardo Torres, intitulado “*Família Marchesi*”², traz o relato de netos e bisnetos de João Marchesi sobre a história da compra da Fazenda São Luiz e revelam as aspirações de João Marchesi para construir e criar a Cerâmica São Luiz. Segundo o documentário, João Marchesi sonhava em ver todas as casas de Ribeirão Preto cobertas com as telhas produzidas por ele. Foi na fazenda São Luiz que ele encontrou condições para construir a Cerâmica São Luiz devido à região de vargem com barro de qualidade para a produção de cerâmica.

A Cerâmica São Luiz foi construída após João Marchesi adquirir a Fazenda São Luiz. A fábrica foi chefiada por Miguel Barillari, seu genro, e contava com moderno maquinário com 12 fornos. As sete chaminés em funcionamento eram uma marca nítida do crescimento do bairro da Vila Tibério. Sua inauguração data de 1948. Até a década de 90 do século XX, a cerâmica produziu telhas e tijolos. Telhas e tijolos que pertenceram à boa parte das primeiras obras da urbanização de Ribeirão Preto. Ainda hoje, é possível descobrir telhas produzidas pela Cerâmica nas casas mais antigas de bairros como Campos Elíseos, Vila Tibério ou Ipiranga, segundo o documentário.

Os italianos migraram para o Brasil em busca de trabalho, a princípio como mão de obra para as lavouras cafeeiras em uma época que não existiam políticas públicas de

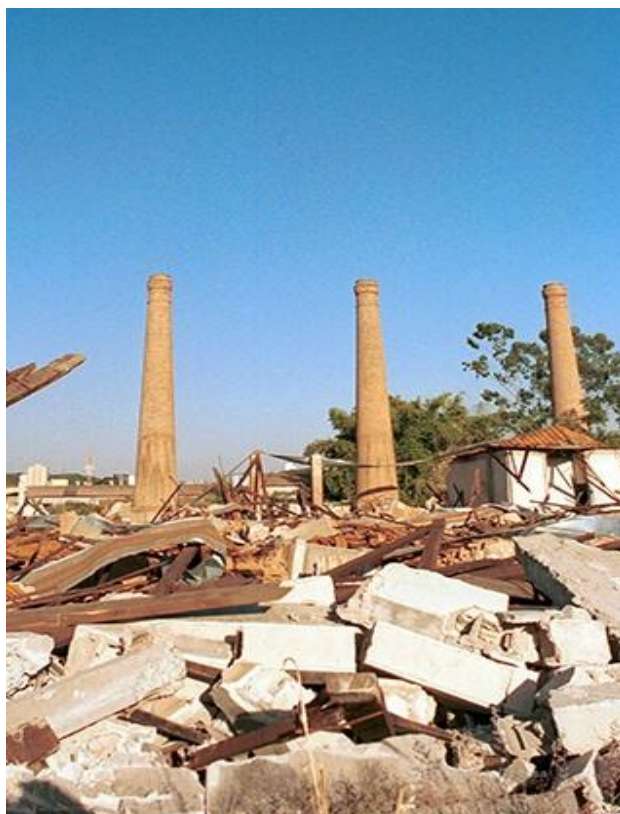
² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9k5s8q26uTM>

redistribuição de terras e de educação pública. João Marchesi chegou ao Brasil em 1892, ainda criança com seus pais, Santo Marchesi e Olívia Ghidelli Marchesi e seus seis irmãos, indo direto para Fazenda Dumont. Para Campos (2006), João Marchesi representou um exemplo de empreendedor que soube aplicar investimentos e diversificou constantemente sua produção, tendo uma grande capacidade de compreensão do funcionamento da economia nacional e da necessidade de articulá-la com a economia internacional, investiu em métodos modernos de mecanização e técnicas agrícolas, utilizadas como meio barato e rápido de manter a produção, sendo a Cerâmica São Luiz uma de suas criações, que também incluem o Frigorífico Marchesi inaugurado em 1961, Banco Marchesi inaugurado em 1962. A Cerâmica São Luiz encerrou suas atividades em 1990. O espaço foi desativado e com o passar dos anos requerido pela sociedade civil à medida que foi percebido como um dos símbolos da formação histórica da cidade de Ribeirão Preto.

1.1 Tombo nº 0002 - Elementos remanescentes da antiga Cerâmica São Luiz

A Cerâmica São Luiz foi tombada pelo município de Ribeirão Preto, após a análise do Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural de Ribeirão Preto (CONPPAC), em 28 de janeiro de 2004. Atualmente, fazem parte da Cerâmica: três chaminés, um forno industrial, o pórtico de entrada, a rua interna de entrada, a rua interna com calçamento em paralelepípedos e o conjunto de prédios formado pela antiga casa do caseiro, galpão contíguo e as árvores do entorno. A descrição permite nos afirmar que apenas uma parte da Cerâmica São Luiz foi preservada. Este fato ocorreu após a RIIH demolir 80% da antiga Cerâmica São Luiz, a fim de construir um hipermercado no ano de 2003. A foto abaixo apresenta o registro da demolição supracitada.

Figura 2: Demolição da Cerâmica São Luiz- I



Fonte: <http://www.camararibeiraopreto.sp.gov.br/historia/marca-hist.php>

A construtora responsável pela demolição de parte da Cerâmica foi condenada e obrigada, por meio das determinações de um TAC do Ministério Público a adquirir, reformar e doar o prédio do Memorial da Classe Operária- a UGT para a Associação Pau Brasil. A associação tem como responsabilidade o desenvolvimento de projetos educativos e sociais. Além disso, a construtora foi condenada a reformar os espaços remanescentes da Cerâmica São Luiz e ceder em regime de comodato, por 100 anos, à ONG VivaCidade com o objetivo de que esta desenvolva um Centro de Documentação e Educação Patrimonial (CEDEP).

O Memorial da Classe Operária (UGT) é um patrimônio histórico, cultural e arquitetônico tombado pelo CONPPAC desde o ano de 2003. De acordo com página oficial do Memorial nas redes sociais³: “Sua sede, situada na Rua José Bonifácio, no centro da cidade, foi construída em regime de mutirão e inaugurada no ano de 1934 pela União Geral dos Trabalhadores, organização formada por operários anarquistas e comunistas no começo do século XX. Durante golpe civil-militar de 1964, a UGT teve suas dependências invadidas e sua diretoria cassada pelo regime. Dos anos 60 do século XX ao começo dos anos 2000, o

³ MEMORIAL DA CLASSE OPERÁRIA. "Nossa história". 26/03/2018. Post do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/mco.ugt/about/?ref=page_internal. Acesso em: 26/10/2018.

espaço sediou a Associação José do Patrocínio, organização da população negra com grande alcance social nesse período”.

A Associação Cultural e Ecológica Pau Brasil é uma entidade civil sem fins lucrativos, fundada em 07 de Junho de 1988 por estudantes, artistas, professores e profissionais liberais com o objetivo de contribuir para a promoção de políticas públicas de meio ambiente, cultura e preservação do patrimônio histórico da cidade de Ribeirão Preto. Um das finalidades da Associação é, portanto, a defesa, a preservação e a restauração do patrimônio cultural, histórico, ambiental e ecológico do município por meio do acompanhamento da elaboração e da execução de leis. A Associação foi declarada utilidade pública municipal em 2003.

O restauro das arquiteturas, segundo Carsalade (2011), traz pontos importantes e em consonância com Baumgarten e Tavares (2013). Os autores partilham do pressuposto que as concepções de preservação não podem ser as mesmas adotadas para as artes visuais, apesar de compartilhar alguns pressupostos, quando se trata da arquitetura. A arquitetura tem uma natureza peculiar, de modo que ela é uma arte que tem uma função de uso e é feita para servir e materializar as sociedades, sendo assim, preservar essa capacidade torna-se essencial. Para os autores, a natureza da arquitetura faz com que haja a indissociabilidade entre matéria e sujeito e, logo, não seria possível a preservação do material sem levar em consideração a dimensão imaterial. Se isso ocorrer, há o risco de perda de significados das artes arquitetônicas. Deste modo, as cidades tornam-se obras de arte a partir do entendimento das mesmas como artefato cultural sempre em transformação. Nelas há a condensação de significados calcados na transformação contínua. Segundo os autores “A cidade seria, então, *função do espaço e do tempo*, o resultado da dialética entre permanência e transformação dentro do jogo da história”.

Podemos considerar a complementaridade dessas visões ao percebermos que materialidade e imaterialidade, formas de construção e formas de viver, costumes e crenças, delineiam formas mais completas e complexas de uma trama urdida durante a história que foi sendo construída a partir das tensões, vivências e descobertas dos diversos povos que habitam esta terra e que, para compreendê-la melhor, há que se considerar essas diferentes dimensões do patrimônio do Brasil.

A ONG VivaCidade foi fundada em 1999 com objetivo de promover a cidadania. Em 2004, a ONG VivaCidade assumiu a gestão dos imóveis que resistiram à demolição. Essa deliberação judicial, aceita pela ONG, teve como objetivo central reduzir os danos causados ao Patrimônio Histórico da cidade de Ribeirão Preto. A atuação da sociedade civil foi central junto à demanda pela preservação do patrimônio por meio do processo de tombamento da

Cerâmica São Luiz e de seu reconhecimento de Patrimônio Histórico. Desde então, a Cerâmica São Luiz abriga o CEDEP - Centro de Documentação e Educação Patrimonial - que realiza ações para proteção e valorização do Patrimônio Cultural de Ribeirão Preto. Um grupo de pesquisa, um programa de estágio, um arquivo de documentação audiovisual e educação patrimonial, entre outras atividades. O tombamento não garantiu o fim das tensões entre sociedade civil e setor privado. O relato de Renato Vital (2018) expressa essa tensão,

O cenário era de estrangulamento da instituição pelo hipermercado. Apesar de terem que cumprir o TAC, ou seja, ceder totalmente os direitos de uso dos remanescentes da cerâmica para que a VivaCidade desenvolva seu trabalho, o hipermercado restringe e controla os horários de acesso ao centro cultural.

Inclusive, eles mantêm um cadeado no portão de entrada da sede da VivaCidade, obrigando usuários e público do espaço a entrarem pela cancela do hipermercado. Por outro lado, vivemos um momento de grande produção, articulação e inteligência no cenário cultural de Ribeirão Preto. Graças a isso, foi possível fazer frente às imposições do hipermercado e acelerar o desenvolvimento do Centro Cultural Cerâmica São Luiz a partir da aglutinação de diversos grupos ao entorno do espaço (VITAL, Renato. 'CONEXÕES RIBEIRÃO' – Projetos da VivaCidade na antiga Cerâmica São Luiz. Jornal Tribuna).

A ONG VivaCidade tem se responsabilizado pela articulação da sociedade civil a fim de garantir a permanência e acessibilidade à Cerâmica São Luiz e, ainda, que a Cerâmica tenha seu valor ressignificado através das inúmeras possibilidades culturais e educacionais desenvolvidas no espaço. O Anexo três apresenta um breve levantamento das atividades realizadas e divulgadas através da rede social oficial (*facebook*) da ONG VivaCidade durante o ano de 2018. Esse levantamento tem como objetivo apresentar o uso do espaço da Cerâmica após o TAC e suscitar reflexões futuras relativas ao patrimônio material e a educação patrimonial de modo a contribuir com as análises que se seguirão.

CAPÍTULO 2: PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO

2.1 Patrimônio e Memória

Ecléa Bosi (1994) em seu trabalho *Memória e sociedade: lembrança dos velhos* apresenta uma profunda pesquisa acerca da memória das pessoas que trazem consigo experiências do vivido e são portadoras de um conhecimento único baseados nos sentimentos afetuosos, conflituosos, saudosos ou melancólicos. Essas pessoas trazem memórias que revelam tempos passados, mas que dialogam e são importantes para o presente e futuro daqueles que, com ouvidos atentos, podem refletir e ressignificar essas histórias influenciando inclusive decisões futuras. A lembrança, para a autora, é um diamante bruto que necessita ser lapidado pelo espírito, sendo que “trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição” (BOSI, 1994, p.81).

A importância da memória reside no reconhecimento de que a vida só atinge seu significado a partir do momento que ela se recolhe ao conforto de outras épocas, sendo que este vínculo com o passado traz às pessoas detentoras de tal experiência consciência da força de ter superado adversidades, a compreensão das mais diversas situações e o contentamento do compartilhamento que demonstra sua competência para os dias atuais, de modo que a vida das e dos anciãos ganha uma finalidade ao encontrar ouvidos atentos, ao encontrar ressonância (BOSI, 1994). Essas lembranças advindas da memória dos velhos, segundo a autora, podem humanizar o presente. A conversa recordativa com um velho é uma experiência profunda que retorna a nostalgia, a revolta, a resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados. Para quem sabe ouvir tais lembranças, passa por uma experiência desalienadora “pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual” (BOSI, 1994, p.83).

Essa relação entre o novo e o velho tratada pela pesquisadora também recai sobre objetos, móveis, imóveis, práticas sociais, culturais e religiosas que trazem dos tempos de outrora a construção do presente através das pessoas que, dessas práticas fizeram parte, e construíram uma história local, regional, nacional e da humanidade. Para Serra (2006), essa relação é conflituosa e aponta para a capacidade que uma determinada sociedade tem de manter os traços significativos de sua memória coletiva para a posteridade. Traço presente desde tempos remotos e nas mais diversas culturas do mundo, como a busca pelo ideal do eterno, e o desejo de superar o tempo, estão diretamente relacionados à preservação da

memória coletiva. Este fato tem sido entendido na contemporaneidade como um fenômeno social em várias formas de expressão, que se convencionou chamar de patrimônio cultural (SERRA, 2006).

Quando Ecléa Bosi (1994) traz os sentimentos acessados através da rememoração dos velhos, revela que esses sentimentos também se encontram em abundância em outras instâncias como nos espaços, nos objetos e nas paisagens naturais. A preservação se torna muito mais do que “cuidar de coisas velhas” como nos traz Serra (2006), ela representa a possibilidade de estabelecer vínculos entre membros de uma mesma sociedade, situados no tempo e no espaço através da memória coletiva:

A preservação do patrimônio cultural, como instrumento de cidadania, está ligada à visão de uma educação capaz de formar sujeitos históricos, que saibam refletir e atuar na construção da sociedade, utilizando a identidade cultural como referencial para reflexão sobre a ação social (SERRA, 2006, p.38).

Vínculos com a memória são possíveis a partir do sentimento de pertencimento que uma determinada sociedade tem em relação a essa memória. Para tanto, este é um processo que precisa da participação, de modo que se crie o interesse público, visto que quando não há o interesse, resta à banalização, a margem, o abandono. Para Serra (2006), neste ponto o ensino e valorização da memória se tornam instrumentos de mudança social na medida em que colaboram para o desenvolvimento político e a cidadania, formando sujeitos históricos.

2.2 Educação Patrimonial

A Educação Patrimonial é um processo permanente e sistemático de trabalho educacional que tem como fonte primária o enriquecimento individual e coletivo centrado no Patrimônio Cultural. Esse processo educacional busca levar a comunidade a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural. Tal processo visa fazer com que cada vez mais estas pessoas de posse de tal conhecimento e pertencimento utilizem, acessem e produzam novos conhecimentos contribuindo para este processo contínuo de criação cultural (HORTA, 1999).

Pode-se pensar que a Educação Patrimonial trabalha no sentido de possibilitar o acesso e contato dos sujeitos com os patrimônios de sua localidade, de modo que esta experiência possibilite a criação de bases sólidas para a identificação cultural. Em outras palavras, tomar ciência através da experiência de apropriação e valorização de bens históricos e culturais que se manifestam como um conjunto de bens e valores tangíveis e intangíveis, expressos em

palavras, imagens, objetos, monumentos e sítios, ritos e celebrações, hábitos e atitudes. Segundo Saballa (2007, p. 24):

Os fundamentos da Educação Patrimonial vinculam-se diretamente ao “desnudar” do meio, promovido pela comunidade. Estando envolvida com a preservação de bens culturais e resgate da memória, é uma ação social, na medida em que visa à transformação a caminho da construção da consciência identitária, portanto, cidadã, atenta às diversidades regionais, bem como manutenção da ativação das tradições locais.

A ação da comunidade alicerça o binômio patrimônio-cidadania. Esse binômio fortalece o debate acerca do direito à memória, além de colocar a memória coletiva como fator fundamental para que o patrimônio constituinte da identidade, da história e da cultura esteja disponível e acessível garantindo a sua pluralidade e sendo referência para um passado em diálogo com o presente e que seja capaz de apontar para um futuro construído com consciência histórica.

Trata-se de uma possibilidade do sujeito inserido neste processo educativo fazer a leitura do mundo que o rodeia levando à conscientização e compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido, propiciando a ampliação e valorização da sua própria história, entendendo-a como múltipla e plural. Esse processo de conhecimento é o que alicerça o processo de preservação sustentável do patrimônio, visto que a partir da experiência educativa houve a busca do fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania, sendo que:

O diálogo permanente que está implícito neste processo educacional estimula e facilita a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e valorização desses bens (HORTA, 1999, p.04).

Cabe salientar que o Patrimônio representa a dinâmica cultural de uma sociedade. As formas que determinado povo expressa suas formas de ser constituem a sua cultura que, ao longo do tempo vai se modificando, adquirindo novas formas de expressão e significado, sendo que a “cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam” (HORTA, 1999, p.05).

2.3 O Patrimônio Industrial

Se pensarmos o pluralismo que é o Brasil, não podemos negar a diversidade cultural existente no país. A diversidade cultural não deveria ser hierarquizante, pois ela demonstra um processo histórico e cultural amplo, em que cada região estabeleceu critérios, significados, objetos, monumentos, paisagens significativas para a sua história. As diversidades culturais regionais, “contribuem para a formação da identidade do cidadão brasileiro, incorporando-se ao processo de formação do indivíduo, e permitindo-lhe reconhecer o passado, compreender o presente e agir sobre ele” (HORTA, 1999, p. 5).

A partir dessa diversidade cultural e que também reflete na dinâmica e riqueza que é o Patrimônio Cultural do Brasil, será feito o recorte acerca do patrimônio industrial, visto que na construção de algumas cidades, o momento histórico que representou a vinda de indústrias para o Brasil, marcou a urbanização e criou novas relações de comunidades com as cidades. Segundo Vichnewski (2010), o patrimônio industrial compreende todos os bens materiais e imateriais da cultura industrial que possuem valor histórico, cultural, estético, tecnológico, social ou científico

Ele representa todos os vestígios relacionados à indústria, às oficinas, às fábricas, às minas e aos locais de processamento e de refinação, os entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, os meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, como maquinaria, arquivos documentais e iconográficos, os próprios objetos produzidos e os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (VICHNEWSKI, 2010, p. 11).

O reconhecimento do patrimônio industrial foge da tradicional ideia de que monumentos históricos que devem ser preservados são aqueles de grande beleza arquitetônica, ou feito por grandes artistas, ou que representam um momento da nobreza. Ao reconhecer a diversidade cultural e reconhecer o Patrimônio Cultural, também se entende que tal conceito deve partir de um reconhecimento amplo de que os indivíduos influenciam e fazem parte do meio em que estão inseridos, de modo que, pensar um monumento apenas pelo seu valor estético exclui a agência dos indivíduos que fazem parte do contexto histórico e cultural.

No contexto do patrimônio industrial, há o desvelamento não apenas do maquinário, da tecnologia envolvida para produção de algum artefato, mas também do complexo relacionamento humano que foi modificado, transformado e constituído no desenvolvimento industrial. “A fábrica ou a mina não são unicamente edifícios ou construções técnicas, mas também centros de trabalho nos quais se manifestam as relações sociais de produção” (CORDEIRO, 1987, p. 65-66). Logo,

[...] o estudo do patrimônio industrial refuta uma compreensão exclusiva do monumento enquanto edifício. A leitura de um monumento industrial não deve limitar-se somente aos seus aspectos particulares, tecnológicos e artísticos, excluía de uma complexa rede coordenadora que o define historicamente (VICHNEWSKI, 2010, p. 12).

O patrimônio industrial extrapola o reconhecimento único de um monumento, visto que as diversas possibilidades de leituras acerca do patrimônio tornam-se indispensáveis para a compreensão histórica e cultural do desenvolvimento de uma sociedade industrial que baseou grande parte das relações sociais existentes na atualidade.

A materialidade do patrimônio possibilita o conhecimento das experiências vividas dos locais em que as indústrias foram inseridas. Essas inserções históricas modificaram o modo de ser, agir e viver nesses locais, portanto há uma dinâmica histórica e cultural que permeia o patrimônio industrial. A Revolução Industrial exigiu uma adequação das cidades que passaram a suportar não apenas as indústrias em si, mas também novos meios de transporte, de comunicação, de produção e de vida, inclusive sendo essas modificações profundas que revelam preocupações com um patrimônio que poderia se perder em nome do progresso e da modernização.

É nesse momento que aparecem as primeiras ideias de preservação da cidade, sendo que em 1964 com a Carta de Veneza houve o reconhecimento da dimensão urbana dos bens culturais, tendo como definição que:

Artigo 1º - A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural (CARTA DE VENEZA, 1964).

Em seguida, a Declaração de Amsterdã (1975) amplia a consciência acerca do patrimônio arquitetônico uma vez que considera como ação de conservação o vínculo das funções sociais identificadas durante os procedimentos de levantamento, reconhece a arquitetura como elemento formador da dinâmica urbana e propicia o envolvimento da sociedade civil que está inserida no contexto do patrimônio cultural.

Esse reconhecimento do protagonismo da sociedade civil, aliada aos conhecimentos técnicos revela o princípio de responsabilidade social como instrumento de preservação, visto que admite valores estéticos, históricos, científicos e sociais para estabelecer metas para a sua preservação e integração em políticas econômicas e sociais. Trata-se da Conservação Integrada como forma de preservação apresentada pela Declaração de Amsterdã (1975):

[...] descobre-se que a conservação das construções existentes contribui para a economia de recursos e para a luta contra o desperdício... construções antigas podem

receber usos que correspondam às necessidades da vida contemporânea (CURY, 2000, p.201-202).

O patrimônio deve ser considerado dentro de sua função social visto que mudanças podem ser atribuídas de forma que suas novas atribuições respeitem o caráter do patrimônio e o integrem na vida social. O valor do bem deve ser avaliado também por seu “valor de utilização” (CURY, 2000, p. 202).

Rossi (2001) traz o entendimento de que a cidade é uma experiência concreta de modo que, sua arquitetura surgiu em um determinado tempo, com uma determinada função. Os prédios, casas, indústrias carregam em si a memória destes tempos, foram criados para cumprir uma função e que, com a modernização passam pela experiência da perda de seu uso original, sendo comum o abandono. Vichnewski (2010) traz essa percepção acerca do patrimônio industrial, apesar do crescimento das pesquisas acerca deste patrimônio, muitos foram demolidos ou experimentam o abandono.

A questão defendida por Rossi (2001) é que a pura permanência destas arquiteturas representa sua resistência e nela reside seu maior valor. Sendo assim, a função inicial se perdeu, mas a forma se oferece a novos usos. O fato de ser possível a ressignificação da função de uso destes espaços demonstra a força que reside em sua forma física, o que torna desnecessária a sua eliminação, destruição, derrubada, ou qualquer forma de anulação destes patrimônios.

No caso do patrimônio industrial, este está cercado de memória tanto em sua arquitetura como na estruturação da cidade que se transformou historicamente junto ao patrimônio de modo que a rede social, histórica e cultural estruturante não pode ser ignorada no processo de valorização e preservação deste patrimônio. Devem-se levar em conta as dimensões sociais, urbanas, arquitetônicas, históricas e artísticas, possível através do diálogo e participação popular que faz parte integrante do patrimônio industrial.

O processo que considera a participação popular está na contramão de um processo de reabilitação do patrimônio que preza pela revitalização econômica. Neste processo de revitalização o que está em evidência é o processo pelo viés econômico que tende à melhoria do espaço físico, de modo que este seja capaz de se adequar a uma prestação de serviço, comércio e de atividades culturais geradoras de consumo via, sobretudo, a atividade turística. Em um primeiro momento, pode gerar uma melhor qualidade de vida, por outro lado, pode apontar para um processo de gentrificação ao longo prazo. Isto é, ao se privilegiar o turista, afasta-se o sujeito que faz parte da história e memória do patrimônio que passou pelo processo de revitalização, gerando assim a mudança de perfil daqueles que habitam, acessam e

convivem com o patrimônio. Neste processo, o bem passa a ser usufruído por poucos, aqueles que tem poder econômico para tal.

Portanto, a participação popular se torna imprescindível frente aos processos de revitalização. O protagonismo do cidadão como um agente ativo no processo de construção social do patrimônio cultural possibilita a ação popular no sentido de uma colaboração para a preservação, mas também a criação de um agir no processo de construção social dos bens, assim como da sua gestão, ao longo do tempo.

A Conservação Integrada traz em si a característica da preservação preocupada com o desenvolvimento econômico, social, cultural, ambiental e principalmente humano. Tem um relacionamento estreito entre preservação e consideração do trabalho de protagonismo da sociedade civil que se organiza para gerir de forma sustentável e propiciar a acessibilidade gerando conhecimento, significados e pertencimento da população em relação a um patrimônio cultural.

Para isso, o reconhecimento do caráter mutável da cidade propicia o reconhecimento de uma identidade local, nacional, regional e internacional. No caso de um patrimônio industrial, sua preservação deve estar em diálogo com as constantes transformações urbanas, gerando novas funções ao espaço que ele representa, porém em si está presente sua latente memória construída a partir de sua materialidade, histórias de pessoas e modificações urbanas marcantes do passado que o patrimônio industrial proporcionou.

A Conservação Integrada, segundo Medeiros (2015, p.15), promove a

[...] tessitura entre cultura e natureza sobre bases democráticas, cidadãos; contam com a ação múltipla de atores sociais locais, nacionais, regionais e internacionais, de caráter não-governamental, público e/ou privado; e exigem a participação popular, não somente como colaboradora na preservação dos bens culturais e, sim, como um dos principais participantes no processo de construção do patrimônio, via identificação, produção de conhecimento, fiscalização e gestão.

Este processo constitui uma forma de intervenção que segundo a Portaria nº420 do IPHAN de 2010, define intervenção como

Toda alteração do aspecto físico, das condições de visibilidade, ou da ambiência de bem edificado tombado ou da sua área de entorno, tais como serviços de manutenção e conservação, reforma, demolição, construção, restauração, recuperação, ampliação, instalação, montagem, desmontagem, adaptação, escavação, arruamento, parcelamento e colocação de publicidade (BRASIL, 2010).

Partindo desta definição, a Conservação Integrada pode associar-se às intervenções de valorização, manutenção, reestruturação, consolidação, liberação, reconstrução, transporte, reprodução, adaptação e renovação, reciclagem e reutilização, estabilização, estruturação, restauração e reintegração, ou seja,

[...] a partir de qualquer uma ou da associação entre as várias formas de intervenção, o fato é que se trata de um círculo hermenêutico: a dimensão urbana conduz ao processo de tessitura entre cultura, natureza, economia e sociedade que leva, por sua vez, à prática preservacionista sobre a urbe e assim por diante. É por essa razão que tais intervenções podem e devem ser entendidas, não apenas como instrumentos de preservação do patrimônio cultural e natural, mas também de construção da cidadania e do desenvolvimento sustentável (MEDEIROS, 2015, p. 15).

Pensar no patrimônio industrial como o lugar de memória, cultura e diálogo entre passado e presente, ainda sob a perspectiva da preservação da Conservação Integrada que pretende a construção da cidadania e do desenvolvimento sustentável é o que sustenta o olhar acerca da Cerâmica São Luiz, em Ribeirão Preto. Através da metodologia apresentada a seguir, pretende-se levantar dados acerca de sua história e também dialogar com o tempo presente partindo das experiências realizadas pela sociedade civil que gere este patrimônio industrial que representa parte da história de desenvolvimento, transformação e adaptação na cidade de Ribeirão Preto.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

A Cerâmica foi tombada como patrimônio histórico cultural. As buscas preliminares indicaram um número restrito de pesquisas sobre este processo, seu impacto ou mesmo como ele tem sido executado nos dias atuais. Constatada a carência de pesquisas que pudessem relatar de modo detalhado a história, a função e os seus usos, a inserção no campo se deu a partir da minha participação em algumas atividades realizadas na atual sede da Cerâmica São Luiz e foi essencial para a viabilidade ao acesso as informações e aos dados acerca do objeto da pesquisa. A aproximação considera ainda que o entendimento do objeto de pesquisa apenas se torna possível através da percepção das circunstancias particulares que este se insere.

A aproximação e constatação da carência de pesquisas para a compreensão histórica e atual da Cerâmica São Luiz, enquanto um espaço de educação patrimonial e desenvolvimento de ações culturais, fez com que a pesquisadora optasse por uma pesquisa do tipo exploratória uma vez que se pretende contribuir para o aprimoramento da constituição histórica da Cerâmica, assim como as relações com a sociedade civil na constituição de um espaço representativo da luta pelo patrimônio da cidade de Ribeirão Preto.

Para Brandão e Streck (2006), a pesquisa deve ser entendida como uma múltipla teia de e entre pessoas onde não se estabeleçam hierarquias de acordo com os padrões consagrados de ideias preconcebidas sobre o conhecimento e o seu valor. Para os autores, a pesquisa deve envolver-se em um amplo exercício de “construir saberes a partir da ideia tão simples e tão esquecida de que qualquer ser humano é, em si mesmo e por si mesmo, uma fonte original e insubstituível de saber” (BRANDÃO e STRECK, 2006, p.13). As concepções destes autores serviram de base no momento em que houve o reconhecimento da Cerâmica como um espaço construído por pessoas, vivenciado, sonhado, espaço de luta e reconhecimento.

A pesquisa assume a abordagem qualitativa uma vez que trabalha “com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 1999, p.21). Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte essencial da realidade social, pois além da ação, o ser humano distingue-se pela capacidade de “pensar sobre o que faz e interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 1999, p.21).

Por se tratar de uma pesquisa com abordagem qualitativa, o enfoque volta-se para a análise do processo, com o convívio, com o acesso, mais do que com o produto final (BOGDAN, BIKLEN, 1982), com o objetivo de compreender o processo pelo qual o

tombamento se deu e, primordialmente, como o espaço vem sendo ocupado em diálogo com a educação patrimonial, o patrimônio industrial e a memória. Diante desta abordagem, a Cerâmica é vista como um local vivo e a exploração em busca de sua história e espaço de educação patrimonial se inicia na inserção no espaço em busca de materiais, nas pesquisas por vídeos e fotos que revelaram aos poucos características constituintes da história da Cerâmica, assim como da cidade de Ribeirão Preto.

O contexto e as atividades desenvolvidas na sede da Cerâmica não foram favoráveis para a realização de entrevistas ou mesmo para registros fotográficos da pesquisadora. Membros da ONG VivaCidade exercem diversas funções na Cerâmica, sendo que no período em que a pesquisa foi realizada não houve a possibilidade de diálogo mais aprofundado devida a alta demanda em que eles estavam imersos, como por exemplo, a realização de eventos ou organizações de debates. Os registros fotográficos foram prejudicados devido à baixa qualidade da câmera utilizada pela pesquisadora, associada à baixa luminosidade - a maior parte dos eventos foi realizada no período noturno. Anotações de campo e a observação foram os elementos adotados durante a realização dos eventos, considerando o contexto descrito. O acesso aos documentos armazenados em um acervo localizado na própria Cerâmica foram, portanto, a principal fonte de dados e de informações para a pesquisa. Essa fonte não descarta as leituras orientadas pela participação nos eventos.

Com a possibilidade de acesso ao acervo, a pesquisa teve como procedimento técnico utilizado a pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2002), tem como base materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos. Cabe salientar que o interesse em explorar a história da Cerâmica São Luiz e as relações da sociedade civil através de uma pesquisa bibliográfica e documental aparece também na constatação de carência de pesquisas na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁴.

As visitas ao acervo da Cerâmica São Luiz trouxeram, entre outros documentos, pesquisas e artigos referentes à história da Cerâmica e que não estavam disponíveis na base de dados (CAPES) devido à data de elaboração das pesquisas encontradas no acervo. Para Gil (2002), a pesquisa bibliográfica se destaca pela possibilidade de ampliação de investigação acerca de um fenômeno devida à possibilidade de acesso a diversos pontos de vista. Outra

⁴ No processo da pesquisa, foi feito um levantamento na base de dados da CAPES a fim de encontrar pesquisas sobre a Cerâmica São Luiz. No entanto, tais pesquisas não foram encontradas, o que revelou inicialmente um campo a ser estudado. Em incursão ao acervo da Cerâmica São Luiz, foram descobertas pesquisas realizadas sobre a Cerâmica, porém devido a data de realização de tais pesquisas, elas não foram digitalizadas e portanto não estão disponíveis na base de dados da CAPES.

característica é que ela se torna indispensável aos estudos históricos, vistos que as pesquisas revelam fatos históricos que dificilmente poderiam ser acessados de outras formas.

Concomitantemente à pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental também se fez presente devido à diversidade de materiais encontrados no acervo físico e nos acervos online (redes sociais). A pesquisa documental, segundo Gil (2002), trabalha com uma fonte diversificada de documentos que podem incluir documentos que já foram analisados, como pesquisas, relatórios, tabelas estatísticas, assim como também podem incluir documentos não analisados, como os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, cartas, diários, fotografias, gravações, etc. Tal diversidade é o que torna a pesquisa documental interessante para a investigação da Cerâmica São Luiz. Amplia o olhar para a diversidade de informações que os documentos puderam trazer através do registro material, constituindo uma fonte rica e estável de dados, pois “como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica” (GIL, 2002, p. 46).

Em consonância com Gil (2002), Cellard (2008) traz que os documentos são fontes extremamente valiosas, visto que a memória das pessoas pode ser limitada e os documentos carregam em si dados das atividades humanas em determinada época, sendo que em alguns casos, os documentos podem se tornar o único testemunho de atividades ocorridas em um passado recente. São entendidos como documentos todos os textos escritos, manuscritos ou impressos, registrados em papel. Para Gil (2002), pesquisas elaboradas com base em documentos podem revelar uma importante contribuição para a resolução de questões que guiam a pesquisa. Isso se deve não ao fato de ela responder as questões, mas de conduzir e melhorar os pontos de vistas abrindo possibilidades a novas verificações. Para tanto, foi fundamental entender o contexto em que tais documentos trazem seus relatos para poder compreendê-los. Para Corsadelle

O exame do contexto social global, no qual foi produzido o documento e no qual mergulhava seu autor e aqueles a quem ele foi destinado, é primordial, em todas as etapas de uma análise documental, seja qual tenha sido a época em que o texto em questão foi escrito. Indispensável quando se trata de um passado distante, esse exercício o é de igual modo, quando a análise se refere a um passado recente. No último caso, contudo, cabe admitir que a falta de distância pode complicar a tarefa do pesquisador (CORSADELLE, 2008, p.299).

Além do entendimento do contexto, outros cuidados se fazem fundamentais no trato com documentos enquanto fontes de informação. Um destes cuidados é com a autenticidade, visto que a origem do documento pode significar uma origem social, ideológica ou de interesses particulares do autor do documento a ser analisado. Outro cuidado, diz respeito à

natureza do texto, pois um relatório pode não conter tantos dados, quanto uma pesquisa, um relato, um diário ou uma entrevista. Dependendo da posição que as pessoas ocupam e suas funções, os documentos podem ter estruturas variadas, conforme o contexto no qual ele é redigido. Deste modo, variados documentos podem trazer à tona diversos elementos acerca de um fato histórico, auxiliando no múltiplo olhar acerca de uma dada realidade (CORSADELLE, 2008).

Enquanto fontes de informação foram consultadas diversos tipos de documentos encontrados no acervo da Cerâmica São Luiz, sendo três pesquisas - dois trabalhos de conclusão de curso e uma dissertação -, documentos acerca do tombamento da Cerâmica, ações civis e ambientais, acordos e declarações e jornais que ilustraram as ações realizadas nas suas respectivas épocas. As pesquisas, como dito anteriormente, não estão disponíveis na base de dados da CAPES o que as tornaram um material interessante para a compreensão do contexto histórico e cultural do momento em que estas pesquisas foram realizadas. Em conjunto, os documentos trouxeram a possibilidade de entender as diversas ações realizadas pelo poder público e civil acerca das decisões, tombamento e reivindicações acerca da Cerâmica São Luiz.

No processo de diálogo e tentativa de aproximação com membros da ONG VivaCidade, foi sugerida por um dos membros da ONG a visita à página social da mesma disponível na internet. Essa sugestão existiu pelo fato da ONG utilizar a página como uma forma de disponibilizar informações, dados, documentos e registros acerca da história e trabalhos atuais realizados pela ONG na Cerâmica São Luiz. Como a pesquisa documental possibilita a diversificação de documentos incluindo fotografias e gravações, foi na página da ONG VivaCidade que foram encontrados mini documentários que continham dados, falas, imagens, mapeamentos interessantes e reveladores para a pesquisa. Enquanto os documentos traziam de forma direta as ações empreendidas ao longo da história da Cerâmica, os vídeos e fotos disponibilizados possibilitaram ouvir o depoimento de pessoas que fizeram parte deste processo, dessa história e que, para além das ações, tornou-se possível perceber emoções, ideias, esperanças, motivações. Deste modo, os vídeos se tornaram também uma fonte de dados para a pesquisa.

Como terceira fonte de dados, foi utilizada uma busca por jornais e sites oficiais da prefeitura de Ribeirão Preto, a fim de verificar informações, acervo, notícias entre outros dados pertinentes à pesquisa. Fazem parte desta fonte de dados seis notícias, dentre elas notícias oficiais da prefeitura, notícias de jornais locais e acervo de fotos disponibilizados através do site da Câmara Municipal de Ribeirão Preto. Estas notícias oficiais possibilitaram

complementar dados como datas, locais, pessoas e fotos oficiais a fim de confirmar ou confrontar informações encontradas nos documentos.

A pesquisa seguiu três etapas tendo como referência as etapas descritas por Gil (2002) acerca da pesquisa bibliográfica e documental, sendo elas:

- a) Localização das fontes e obtenção do material: os documentos foram obtidos mediante visita ao local de pesquisa, foram localizados em um acervo, fotografados para análise posterior. Outro meio em que os documentos foram obtidos foram através da pesquisa via web site na página social da ONG VivaCidade em que é possível acessar vídeos, entrevistas, eventos e informações que poderiam ser pertinentes à pesquisa. Como terceira fonte de material, foram recolhidas notícias em sites oficiais da prefeitura municipal e de jornais locais.
- b) Tratamento dos dados: após a obtenção dos documentos, houve a separação por categorias que se assemelhavam, a fim de iniciar as primeiras leituras dos materiais. Nesta etapa, foi utilizada como técnica a análise de conteúdo, caracterizada por três fases: I – pré-análise: onde se procede à escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e à preparação do material para análise. II - A exploração do material, que envolve a escolha das unidades, a enumeração e a classificação. III - tratamento, inferência e interpretação dos dados.
- c) Confecção das fichas e redação do trabalho: Os dados foram analisados partindo de uma organização, a fim de entendê-los e perceber tendências e padrões relevantes à pesquisa. Foi feita uma leitura dos documentos constante e repetida. A busca neste momento foi de tornar o material inteligível, de acordo com o objetivo de encontrar partes da história da Cerâmica que não estavam disponíveis e que pudessem contextualizar esse espaço. Os documentos foram arquivados em pastas, com critério de divisão por tipos de documentos, como a separação dos documentos eram pesquisas, entrevistas, relatórios, vídeos, documentários, etc. As leituras foram seguidas de fichamentos que tiveram um papel central nesta fase, possibilitando o acesso posterior com maior facilidade aos próprios documentos, pois para cada documento foi criada uma ficha de leitura contendo o assunto, referências bibliográficas e datas.

A organização seguiu critérios baseados na análise de conteúdo a partir de fichamentos, agrupamentos e leituras. A organização do material captado foi realizada a partir do agrupamento dos dados com o objetivo de demonstrar a construção histórica do objeto de

pesquisa. Destes agrupamentos, foram geradas três tabelas diferentes que estão apresentadas na íntegra no Anexo dois deste texto. A tabela está dividida entre documentos recolhidos na Cerâmica São Luiz, notícias e vídeos encontrados no site da página da ONG VivaCidade e em sites oficiais e, por fim, um levantamento dos eventos realizados e divulgados via rede social no ano de 2018.

Pretende-se no capítulo a seguir apresentar a análise dos dados focada na reconstrução da história da Cerâmica São Luiz através das descobertas propiciadas pela pesquisa bibliográfica e documental em diálogo com autores do referencial teórico, assim como apresentar experiências relacionadas ao que a Cerâmica vem representando enquanto uma experiência de conservação integrada e educação patrimonial.

CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a compreensão do contexto e principalmente do reconhecimento de que a história é construída pelas pessoas que dela fazem parte, através da participação em alguns eventos e na visita ao acervo, foi possível realizar uma observação do espaço a fim de entender os motivos, os movimentos, o espaço que faz com que as pessoas lutem, se eduquem, ocupem e transformem através da educação patrimonial desenvolvida pela ONG VivaCidade e dos diversos grupos que ocupam a Cerâmica São Luiz. Por este motivo, pretendo trazer uma descrição do cenário que é a Cerâmica São Luiz, com utilização de algumas imagens encontradas nas fontes pesquisadas, assim como utilização de mapas de satélite e visitas a Cerâmica São Luiz. Posteriormente, seguiremos com a apresentação e discussão dos resultados em diálogo com os autores do referencial.

4.1 Cenários: percepções da Cerâmica São Luiz

A busca pelos documentos se fez possível a partir da participação em algumas atividades realizadas na Cerâmica. Pensar o contexto da pesquisa também passa pela possibilidade de viver e experimentar o ambiente e o espaço cultural que ela representa. Para uma melhor contextualização, algumas informações são necessárias, a fim de auxiliar o (a) leitor (a) a compreender este espaço.

A Cerâmica localiza-se em uma região central da cidade de Ribeirão Preto. É um lugar que contrasta com as avenidas movimentadas que a circundam e os prédios modernos dos arredores. Também há em seu entorno um hipermercado (RIH). O acesso a Cerâmica se dá de duas formas: de carro - por meio da entrada feita através de catracas do hipermercado, ou a pé, sendo a entrada feita pelo pórtico original da Cerâmica. Porém ocorrem situações em que o pórtico está fechado por ordem do hipermercado, o que ocasiona diversas reclamações e ações contra o mesmo, já que essa ação impossibilita o acesso e o trabalho dos integrantes da ONG VivaCidade, responsável pelo gerenciamento do espaço.

Figura 3: Pórtico da Cerâmica São Luiz



Fonte: Acervo ONG VivaCidade.

As imagens seguintes possibilitam verificar as avenidas que a circundam e fazem com que a Cerâmica tenha fácil acesso na cidade. As imagens também suscitam as mudanças ocorridas no tempo. A primeira e a segunda imagens foram realizadas antes do processo de demolição da Cerâmica, e a terceira imagem é atual, após o processo de demolição parcial. O contraste permite-nos verificar as mudanças ocorridas e também o espaço dividido com o hipermercado (RIH) e seu estacionamento.

Figura 4: Cerâmica São Luiz, 1997



Fonte: Acervo ONG VivaCidade.

Figura 5: Cerâmica São Luiz, vista panorâmica, 1997



Fonte: Acervo ONG VivaCidade.

Figura 6: Cerâmica São Luiz, vista panorâmica atual, 2018



Fonte: Google Earth

Tive a oportunidade de frequentar três eventos realizados no ano de 2018. Os eventos são gratuitos e divulgados pela rede social da ONG VivaCidade. O primeiro evento que frequentei, foi uma mostra de teatro, intitulada Cerâmica Mostra Teatro. Foi um evento realizado durante a noite. Neste evento diversos artesãos da cidade dispunham seus trabalhos e algumas pessoas que desenvolvem trabalhos com alimentação saudável (vegetariana e vegana) estavam presentes disponibilizando seus lanches, pizzas ou salgados. Suas

barraquinhas estavam dispostas ao longo de uma rua de paralelepípedos, sendo a presença dos paralelepípedos um marco para a entrada na Cerâmica São Luiz. Cabe lembrar que o espaço é dividido com um hipermercado e grande parte do terreno está ocupada pelo estacionamento e por este motivo, os paralelepípedos são um marco de chegada à Cerâmica.

Outra imagem interessante, junto aos paralelepípedos, foi à presença de uma árvore de grande porte, com um tronco imenso cheio de cipós. A presença de crianças e adultos é notável. Ambos se aventuram nos cipós que quase tocavam o chão. De um lado ao outro, estavam dispostos fios de luzes, iluminando e poetizando aquele espaço em que havia mesas e cadeiras para sentar e logo adiante, uma lona no chão demarcando o espaço para as apresentações artísticas.

Um pouco mais adiante, em uma lateral encontram-se duas casas. Uma pequena e uma grande. Foram essas duas construções que sobreviveram à demolição. A pequena casa do caseiro e o que viria a ser um depósito. A casa menor é composta por três cômodos, utilizados como sala de reuniões. É também neste local que está o acervo em que pude recolher parte das fontes para a pesquisa. A outra casa tem mais cômodos e esses são mais espaçosos, sendo este o local que abriga oficinas, ensaios e apresentações teatrais e musicais dependendo das condições climáticas ou das especificidades das apresentações artísticas.

Neste primeiro contato, observei a frequência de muitas famílias com crianças, a presença de jovens e um fluxo interessante de ocupação daquele espaço. Havia pessoas que estavam ali para assistir as apresentações, mas também houve a percepção de que havia pessoas que estavam ali enquanto um espaço para brincar com as crianças e também obter uma alimentação diferenciada. As apresentações variaram entre circenses, teatrais e musicais, sendo que o palco se oferecia aberto para quem quisesse se apresentar.

Participei posteriormente de outros dois eventos, sendo um intitulado “O Show tem que continuar – pela democracia” e outro um encontro realizado apenas para mulheres para discussão de movimentos feministas da cidade. Esses dois eventos foram interessantes porque demonstraram a potência do local para reuniões, debates, protestos e diálogos acerca dos temas políticos atuais. Foram encontros que suscitaram um sentimento de acolhimento, segurança e desabafo frente a tensões políticas vividas tanto no âmbito nacional, como no cotidiano das pessoas que ali estavam.

A Cerâmica São Luiz é um espaço que fica constantemente aberto, seja em dias de eventos ou em dias comuns, se apresentando como um convite a entrar, sentar, olhar e sentir um pouco da história deste lugar. As imagens a seguir têm a pretensão de demonstrar esse acesso à Cerâmica onde às atividades são realizadas.

Figura 7: Área externa com bancos



Fonte: Acervo ONG VivaCidade.

Figura 8: Área externa com paralelepípedos.



Fonte: Acervo ONG VivaCidade.

Figura 9: Cerâmica Mostra Teatro



Fonte: Acervo ONG VivaCidade.

A antiga casa do caseiro e o barracão são ocupados pelos integrantes da ONG VivaCidade e demais pessoas que preservam os elementos originais como as janelas, os tacos e alguns móveis. O local é constantemente ocupado por grupos teatrais da cidade. O meu acesso aos arquivos se deu em um momento de ensaio de um grupo teatral que está sediado na Cerâmica. O grupo que estava ensaiando, me recebeu e me encaminhou para o arquivo onde pude realizar a parte da pesquisa documental. Ter a oportunidade de frequentar alguns eventos foi fundamental para a observação, entendimento do espaço e do fluxo de pessoas que se encontram, ocupam e preservam este importante espaço da cidade auxiliando na análise e interpretação dos documentos e pesquisas.

4.2 A história da Cerâmica São Luiz através dos documentos

Segundo levantamento dos dados realizados, iniciarei com as pesquisas de Silva (1998, 2002) e Barbi (2000). Estas três pesquisas fazem parte do material encontrado em visita à Cerâmica São Luiz e compõem modos complementares de entender o contexto histórico em que a Cerâmica São Luiz foi fundada, assim como as transformações provenientes de tal acontecimento. Cabe salientar, que no entrecruzamento dos dados, o documentário intitulado “*Família Marchesi*”, produzida pela Casa da Memória Italiana (CMI)

em 2017 traz contribuições e ilustra a presença da família italiana responsável pela compra e criação da Cerâmica São Luiz.

Para iniciarmos esse histórico é preciso perceber que a região que compreende a Cerâmica São Luiz, na década de 1940, foi composta por quatro indústrias responsáveis pela grande modernização da cidade de Ribeirão Preto: o Matadouro Municipal, o Frigorífico Morandi, a Fábrica de Bebidas Gino Alpes e a Cerâmica São Luiz. Essas indústrias trouxeram à cidade um reconhecimento devido à intensificação da urbanização decorrente da criação e melhoria dos bairros adjacentes e, conseqüentemente, trouxeram ao longo de aproximadamente 40 anos melhorias para o país. Segundo Barbi (2000), o Frigorífico Morandi, por exemplo, foi considerada a mais moderna organização frigorífica do país, sendo referência na América Latina. Este núcleo industrial propiciou o crescimento dos bairros adjacentes como Campos Elíseos, Vila Tibério e Ipiranga. Bairros constituídos principalmente pelos operários que trabalharam nestas indústrias.

Esse desenvolvimento marca o êxodo rural propiciado, sobretudo pela mudança na economia brasileira da monocultura do café, preponderante até o início do século XX, para a diversificação econômica com base no crescimento industrial. Segundo Barbi (2000), no início do século, um dos principais produtores de café do Brasil foi a cidade de Ribeirão Preto. No entanto, devido ao declínio da cultura cafeeira, houve uma intensa modificação no meio rural que tendeu a diversificar seus plantios com aparecimento do setor industrial, seguido de setores comerciais fundamentais para a ampliação da vida na cidade.

Para a autora (Barbi, 2000), surgiram novas características sociais na cidade, visto que no início da transição entre vida rural e urbana foram registradas 68% da população vivendo na zona rural, já na década de 60 do século XX, esse índice saltou para 90%. Essa população vivia majoritariamente nos bairros circundantes ao núcleo industrial. A Vila Tibério, por exemplo, foi o bairro que surgiu através da implantação do Complexo Mogiana, instalado em 1885. Neste bairro, a ocupação foi feita principalmente por imigrantes italianos que trocaram a lavoura de café pela possibilidade de trabalhar nas indústrias e viver na cidade. O bairro Campos Elísios, por sua vez, surgiu em 1889 com a tentativa de atrair imigrantes perante a oferta de terras. Foi um bairro que comportou os trabalhadores da indústria e também operários da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro. O Ipiranga teve sua origem relacionada à implantação de um barracão destinado ao abrigo de imigrantes que chegavam pelos trens da Companhia Mogiana. Para a autora, a população do Ipiranga mantinha as mesmas características dos outros bairros, sendo composto por operários, imigrantes e funcionários da Mogiana. A proximidade com a Estação Mogiana possibilitou o transporte

ferroviário e tornou-se um atrativo para o desenvolvimento dos estabelecimentos de diversas indústrias.

Silva (1998) apresenta a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, fundada em novembro de 1883, como um dos principais marcos de progresso do município. Historicamente, o crescimento da produção cafeeira trouxera dificuldades de transporte do café produzido, visto que não havia um meio de transporte rápido e eficiente que conseguisse escoar o volume produzido pelas fazendas. Para tanto, a construção das estradas de ferro representou uma solução viável para o problema da distância.

A construção das vias férreas não seguiu um plano para o seu desenvolvimento sendo efetuada de acordo com as direções das culturas de café que já tivessem atingido um grande volume e que possibilitasse o pagamento do transporte para Santos e, posteriormente, para a Europa. No sentido inverso, os vagões traziam ao interior os imigrantes para trabalhar nas plantações (SILVA, 2002).

Os terrenos próximos a Companhia Mogiana favoreceram a implantação das primeiras indústrias, visto que tais lugares tinham um baixo valor comercial e eram vistos como vantajoso não apenas pelo fato de estarem próximos a linha férrea, como também era uma região em que o rio se fazia presente. Sendo a este atribuída a função de abastecimento e depósito dos detritos, e também a característica de ser uma região que oferecia vasta mão de obra (SILVA, 2002).

A pesquisa desenvolvida por Silva (2002) também revela o favorecimento para o desenvolvimento industrial estimulado pós-guerra, período que houve dificuldades de importações, o que elevou o valor dos bens de consumo. Esse período marcou a presença crescente das indústrias e trouxe como consequência um crescimento populacional. Na década de 1950, a cidade possuía 496 estabelecimentos que empregavam 7.782 pessoas, produzindo os seguintes gêneros industriais: tecidos, bebidas, óleos alimentícios, artefatos de borracha, usinas de açúcar, calçados, laticínios, frigoríficos, vidros, cerâmicas, doces, etc.

Esse crescimento foi o responsável pelo proliferamento das pequenas vilas para operários, características dos três bairros mencionados, Vila Tibério, Ipiranga e Campos Elíseos. Nesta época, a população chegava em 63.312 habitantes, sendo que apenas os Campos Elíseos contavam com 19.400 habitantes, para 3773 residências, abrigando praticamente um terço da população total de Ribeirão Preto.

Para a autora, o crescimento agroindustrial de Ribeirão Preto foi o responsável por esse crescimento populacional acelerado em que trabalhadores da região e imigrantes viram uma possibilidade de refúgio e emprego na cidade. Nesse contexto, a Cerâmica São Luiz

assume um papel importante como fornecedora de material essencial para a construção e também um espaço que oferecia emprego para a população com fácil localização e acesso tanto para empregados como para o escoamento da produção. Como mencionado, a Cerâmica São Luiz estava localizada onde foi uma fazenda de nome São Luiz, adquirida em 1943 por João Marchesi que percebeu que se encontrava na fazenda um barro propício à fabricação de cerâmica.

A área do terreno era constituída de 48161m², e a área construída era de aproximadamente 10600m² sendo divididas em 18 edificações, algumas casas dos antigos funcionários, datando de 1946 a 1949. A Cerâmica São Luiz chegou a fornecer seus produtos para todo o estado, possuía um moderno maquinário e era equipada com 12 fornos sendo estimado que nos seus primeiros anos de existência tenha oferecido 1 milhão de peças ao público, sendo tijolos, telhas e lajes para forro⁵.

Esses dados históricos apresentam um período em que o advindo da Companhia Mogiana de trens possibilitou em primeira instância o escoamento do café, e em segunda instância a vinda de imigrantes, principalmente italianos, para a cidade de Ribeirão Preto com intuito de trabalhar nas lavouras e posteriormente nas indústrias que viriam a surgir. No caso da Cerâmica São Luiz, observa-se que foi um imigrante que vislumbrou a possibilidade de uma indústria que serviria inclusive para a construção da própria cidade. A Cerâmica foi responsável por fornecer tijolos, telhas e lajes para forro. Criou também, junto às outras indústrias vizinhas, a necessidade de moradia para seus funcionários, abrindo as vilas operárias e contribuindo para o surgimento dos bairros mais antigos da cidade.

Neste histórico, percebe-se não apenas a construção material das indústrias e das vilas, mas a presença do movimento humano que transforma, que se adapta e que muda o modo de viver socialmente e culturalmente. A migração italiana, assim como a migração da vida rural para a vida urbana trouxeram mudanças perceptíveis através das histórias, monumentos, formas de construir e das pessoas que deste período fizeram parte.

Neste ponto, é possível destacar o início do reconhecimento de um movimento que marca o início da cidade e daquilo que ela poderia vir se tornar. O patrimônio industrial, para Azevedo (2010), abarca os traços da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Esses traços integram edifícios, oficinas, entrepostos e armazéns, maquinarias, meio de transporte, centros de produção, assim como os locais em que se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como

habitações, locais de culto ou de educação. Para a autora, representa a prova de atividades que tiveram e que ainda têm profundas consequências históricas:

Reveste-se de valor social como parte do registro de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário. Na história da indústria, da engenharia, da construção, o patrimônio industrial apresenta um valor científico e tecnológico, para além de poder também apresentar um valor estético, pela qualidade de sua arquitetura, de seu design ou de sua concepção. Estes valores são intrínsecos aos próprios sítios industriais, à suas estruturas, a seus elementos constitutivos, a sua maquinaria, a sua paisagem industrial, a sua documentação e também aos registros intangíveis contidos na memória dos homens e de suas tradições (AZEVEDO, 2010, p.19).

Ao enfatizar como componente fundamental elementos como a memória e identidade das pessoas que fizeram parte da história de um determinado patrimônio industrial, percebe-se certa visão que aponta para a incompatibilidade entre vida social, as construções e o desenvolvimento urbano, das cidades e da sociedade, de modo que estes elementos não podem ser vistos de maneira independente e desconectados. Para Silva e André (2013), a memória regional e a cultura local, “estão determinadas pelas relações estabelecidas entre a organização e a sociedade. O imaginário social muitas vezes se confunde com a percepção dos grupos sociais, dos indivíduos com o que se apresenta a eles em sua memória social”. Deste modo, a construção do sentimento identitário, trazido por Azevedo (2010), aparece quando o indivíduo se insere na sociedade, identifica-se com ela, cria conexões e entendimentos sobre si e segundo as perspectivas que interpreta de seu trabalho (SILVA e ANDRÉ, 2013).

O reconhecimento da importância do patrimônio industrial como local de reconhecimento da história da criação da cidade, da vida urbana, das vilas, dos modos de usar a tecnologia, as ciências, pode ser um disparador de entendimento das relações estabelecidas com a vida social e simbólica das pessoas que vivem atualmente na cidade. Esse pensamento só é possível se os traços e as marcas materiais do patrimônio industrial forem mantidos e preservados. Essas marcas devem ser confrontadas com outras fontes, sobretudo o depoimento da população ou seus descendentes que vivenciaram o ambiente em que aquelas fábricas funcionaram (MELLO e SILVA, 2006).

Nos dados encontrados através da pesquisa de Barbi, defendida nos anos 2000, a pesquisadora já revelava o destino das construções que poderiam vir a ser patrimônios industriais da cidade de Ribeirão Preto devido à importância aqui relatada. Segundo a autora, na época o Matadouro Municipal e o Frigorífico Morandi já não existiam mais devido à construção da Via Expressa – Via Norte, e a Cerâmica São Luiz encontrava-se em estado de abandono.

Neste mesmo período, a cidade passa por transformações em um constante movimento de modernização e, as indústrias que se encontravam em estado de abandono, passaram a ser incorporadas por grandes empreiteiras com o objetivo de demoli-las e construir novos empreendimentos. Existiu, o que Mello e Silva (2006) denominam como desprezo pela cultura material partindo de interesses econômicos evidentes, acreditam que as indústrias representam o passado que deve ser demolido em prol da crença das construções contemporâneas tidas como belas e funcionais para aos dias atuais. Porém, os dados revelam outro movimento crescente na mesma época e que vai dialogar com as ideias discutidas até então acerca do patrimônio industrial. Tal entendimento propiciou a luta e o reconhecimento do patrimônio industrial Cerâmica São Luiz.

4.3 ONG VivaCidade e a luta civil pela Cerâmica São Luiz

A história apresentada a seguir foi encontrada em uma série de vídeos produzidos pela própria ONG VivaCidade que trazem relatos de pessoas que participaram dos movimentos iniciados no ano de 2000 e retratam o caminho percorrido para o reconhecimento da Cerâmica São Luiz como um patrimônio da cidade de Ribeirão Preto. Cabe salientar que esses vídeos fazem parte de um projeto realizado pela ONG que pretende coletar relatos, memórias e experiências das pessoas que fazem parte da história da Cerâmica São Luiz. Serão utilizados dois relatos, o de Daniela Campos, ex-presidente da ONG, e de Tânia Registro, historiadora e membro do Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural do município de Ribeirão Preto (CONPPAC) ⁶.

Segundo relato de Daniela Campos (2017), a ONG VivaCidade, nasceu do Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura, realizado na cidade de Ribeirão Preto. Foi neste momento que estudantes de arquitetura se uniram e criaram grupos de estudo a fim de criar repertório para a criação da ONG e, paralelamente, iniciar a defesa do patrimônio da cidade. Neste período, havia uma intensa movimentação de destruição de casarões do café, indústrias e outros monumentos a fim de ocupar de diferentes formas a região central da cidade.

Tânia Registro (2017) trouxe em relato a visão de uma conselheira do patrimônio da cidade. Segundo ela o Conselho foi formado pela Secretaria de Cultura e membros de órgãos municipais, sendo ela mesma a responsável pelo parecer técnico. Em seu relato, Tânia fortalece a fala de Daniela Campos (2017) no sentido em que revela a pressão exercida pelos

⁶Os eventos citados estão organizados no apêndice deste texto.

setores econômicos, como a construção civil. A cidade dispunha de reservas compradas por grandes construtoras que tinham por objetivo investir em construções e investimentos imobiliários. O tombamento foi visto como um empecilho ao desenvolvimento e tinha por base a visão de que o velho é feio, precisa ser demolido, pois depõe contra o progresso, segundo Tânia Registro (2017).

Foi neste momento em que houve por parte da ONG VivaCidade uma aproximação dos poderes públicos, os conselhos e a promotoria de justiça local. Essa aproximação fortaleceu o movimento de enfrentamento dos poderes que tinham em mente outra cidade que não visasse o patrimônio e a preservação ambiental como modelos que asseguram o desenvolvimento e a cidadania. Junto a isso, a sociedade civil começou o movimento de sensibilização e educação acerca do patrimônio da cidade, realizando ações informativas sobre o patrimônio. Para Tânia Registro (2017), o tombamento foi possível a partir do momento em que houve o trabalho de conhecimento, de despertar do afeto, para além do elemento arquitetônico significativo para população. Foi o reconhecimento da importância histórica, de um local que recebeu emoção, vida humana, histórias humanas.

Foi este movimento que propiciou o levantamento técnico da Cerâmica São Luiz por um conselho composto pela sociedade civil e representantes de diversos segmentos da cidade. O laudo técnico realizado por Tânia Registro (2017) estava sendo preparado em um momento marcado pela pressão de uma sociedade que começou a entender e compreender a cidade como um espaço em que as identidades culturais podiam ser preservadas, ao passo que também vieram pressões de poderes contrários. A questão relatada aqui é a seguinte, as opiniões contrárias têm as máquinas de demolição e as marretas em mãos. Assim que o laudo foi finalizado, houve a demolição criminal da Cerâmica São Luiz.

As demolições eram feitas nesta época durante a noite com o intuito de evitar retaliações. Assim que foi feita a denúncia, foram para o local o Ministério Público, conselheiros e representantes das ONGs VivaCidade e Pau Brasil para tentar impedir a completa demolição da Cerâmica São Luiz. O embate foi duro e está relatado na Ação Civil Pública Ambiental movida pelo Ministério Público do Estado de São Paulo, em 25 de abril de 2003. Registros fotográficos do arquivo também apresentam este momento de demolição e luta pelo patrimônio da cidade.

Figura 10: Demolição da Cerâmica São Luiz- II



Fonte: <http://www.camararibeiraopreto.sp.gov.br/historia/marca-hist.php>

Figura 11: Demolição da Cerâmica São Luiz- III



Fonte: <http://www.camararibeiraopreto.sp.gov.br/historia/marca-hist.php>

Figura 12: Protesto contra a demolição da Cerâmica São Luiz



Fonte: <http://www.camararibeiraopreto.sp.gov.br/historia/marca-hist.php>

A demolição foi realizada pela Construtora Walter Torre Júnior LTDA visando a construção do hipermercado RIH. Segundo a ação pública ambiental, a construtora já estava ciente do processo de patrimonialização da Cerâmica São Luiz, e tomou a iniciativa de demolir a fim de impossibilitar o movimento que já estava avançado. Segundo o relato de Daniela Campos (2017), a Cerâmica tornou-se um símbolo da luta pela preservação, iniciando um movimento contrário ao que valoriza o moderno, esquecendo-se de uma história iniciada no café e na ocupação do território. A Cerâmica tornou-se uma bandeira contra o movimento de demolição para a modernização.

A intervenção da sociedade civil conseguiu barrar a demolição completa da Cerâmica, mantendo alguns elementos. Para Tânia Registro (2017), a Cerâmica representou o amadurecimento da sociedade em relação ao que se deve preservar, pois para ela, a história da cidade vai além da história de prefeitos, ricos, cafeeiros, mas é também a história do imigrante, do trabalhador, artífice, que foi elemento fundamental para criação da cidade de Ribeirão Preto. São identidades culturais. E é através da cidade, do bem imóvel, que é possível acessar a história do operário, das pessoas, de suas vivências que com o barro utilizado do Rio Pardo, foi possível construir parte da cidade.

Foram preservadas três chaminés, o forno industrial, pórtico de entrada, a rua interna com calçamento em paralelepípedo, o conjunto de prédios formado pela antiga casa do caseiro e do galpão contíguo e as árvores existentes no entorno. A discussão inicial realizou-

se entorno da possível reconstrução da Cerâmica, e se esta reconstrução traria a Cerâmica de volta. Tais conversas culminaram na decisão de manter aquilo que não havia sido demolido e junto a concretização do reconhecimento da Cerâmica São Luiz como um patrimônio industrial, histórico cultural da cidade de Ribeirão Preto, houve o movimento pelo ressarcimento do dano causado pela construtora.

Tal ressarcimento teve como objetivo não apenas a restauração dos elementos preservados da Cerâmica São Luiz, mas também gerou a compra da UGT, prédio do Memorial da Classe Operária, seguida da doação do prédio à ONG Pau Brasil responsável por sua gestão. A UGT tornou-se junto a Cerâmica São Luiz um patrimônio da cidade de Ribeirão Preto. Outra parte do valor foi doada para o Museu do Café, possibilitando o contrato com a ONG VivaCidade por 100 anos para gerir e desenvolver atividades em torno do patrimônio cultural, defesa do meio ambiente e fortalecimento da cidadania transformando a Cerâmica em um lugar de cultura e educação patrimonial.

A ONG VivaCidade trouxe a responsabilidade de resgatar o valor simbólico da história da cidade através da divulgação da Cerâmica. As atividades começam a ser planejadas a fim de que as pessoas possam sentir o espaço e o pertencimento da cidade. Antes da Cerâmica, o movimento de demolição estava em congruência com uma população que não acessava a memória da cidade, não havia sentido, de modo que a demolição parecia a chave para o progresso. Para Daniela Campos (2017), a mudança só seria possível através da Educação Patrimonial que finca seus pilares na relação com a cidade, com o pertencer, com o cuidar. Trata-se do reconhecimento de um marco inicial de onde a cidade se construiu e que possibilitou com o passar do tempo o acesso às pessoas velhas que puderam contar suas histórias. Segundo suas palavras: “Vamos imaginar que tivesse demolido tudo, que não tivesse nada aqui? Será que essas pessoas passariam aqui e não daria um vazio? Se tivesse demolido tudo, será que as pessoas não sentiriam o vazio?” (Daniela Campos, 2017, 24m41s).

A Cerâmica relembra o início das discussões acerca da conceitualização e buscas pela preservação do patrimônio industrial. Em 1960, em Londres, houve o movimento de demolição do *Easton Arch*, um pórtico em estilo neoclássico, com colunas dóricas, que foi construído em 1832, na entrada da estação ferroviária de Easton, da empresa *The London and The Birmingham Railway*. Esse movimento gerou também mobilizações contrárias em que arquitetos, historiadores, arqueólogos e entidades britânicas reconheciam a importância da preservação do pórtico sendo este monumento o representante do início da era ferroviária inglesa.

Neste caso, havia um intenso movimento de modernização do centro britânico em que a empresa governamental de transportes, *British Transport Commission* (BTC), pretendia ampliar e eletrificar as linhas férreas, e para a execução do projeto era necessária a demolição do pórtico. Apesar de intensa mobilização que contou com a *Royal Academy*, a *Society for the Protection of Ancient Buildings*, the *Georgin Group*, a *London Society*, a demolição foi autorizada e realizada em 1962. O pórtico acabou demolido em 1962, e acabou gerando destaque público à discussão acerca da preservação de bens referentes à industrialização. Em 1962, fábricas e minas britânicas foram listadas pelo *Conselho Nacional de Arqueologia* (OLIVEIRA, 2016).

A partir deste movimento, o patrimônio industrial passa a ganhar visibilidade internacional, e na década de 1980, passou a ser incluída na lista de patrimônio da humanidade da UNESCO a Ironbridge (Inglaterra), em 1986. A valorização dos bens industriais vai ganhando repercussão devido a diversas iniciativas de difusão realizadas por museus tecnológicos, de ciência e empresas (OLIVEIRA, 2016).

No caso de Ribeirão Preto, a Cerâmica assume uma história parecida no sentido em que houve uma mobilização e entendimento da importância da preservação e do patrimônio da cidade, e uma luta contra o processo de demolição que tem como visão de mundo a demolição para a modernização e, que, com a luta e união da sociedade civil consegue proteger parte do patrimônio fazendo com que este se torne um espaço de memória, educação e cultura da cidade. Os pensamentos revelados através dos relatos acerca da Cerâmica também possibilitam perceber o conceito que aparece posteriormente em relação ao patrimônio industrial. É o reconhecimento para além do bem material, visto que as primeiras visões entendiam o patrimônio a partir de um processo tecnológico, e passam a perceber o patrimônio com ênfase no trabalho humano (OLIVEIRA, 2016).

Mello e Silva (2006) trazem o patrimônio industrial como um campo de investigação vivo, longe de ser retrógrado ou morto. Visto que quando a sociedade civil defendeu os fornos, as casa do caseiro, o galpão, as árvores, paralelepípedos da Cerâmica, houve ali a compreensão que aquele material arquitetônico e natural, estava carregado de um patrimônio técnico de uma sociedade e de uma comunidade. Em outras palavras, nas relações de trabalho estão os vínculos entre o instrumento, a arquitetura e as pessoas que deles fazem uso. O patrimônio industrial possibilita estabelecer o elo entre as formas de produzir e a cultura. A Cerâmica sustenta em si um patrimônio material e imaterial, visto que foi um espaço vivo de construção e transformação das relações humana.

O reconhecimento e a luta transformaram-se na descoberta prática de uma educação patrimonial vivenciada pelos membros que criaram na época a ONG VivaCidade. Por meio dos relatos é possível afirmar que estes percebem os patrimônios presentes na cidade e passam a compreender sua importância e assim lutar pela preservação do espaço. Essa vivência revela um movimento de fortalecimento dos vínculos da comunidade com o Patrimônio, movimento essencial para que os indivíduos pudessem se identificar e batalhar pela preservação. Nesse processo, foi possível verificar os poderes públicos como mediadores da sociedade civil que propiciaram a participação e escuta a fim do movimento de tombamento da Cerâmica São Luiz.

Apesar de grande parte da demolição, foi tomada a decisão coletiva de não reconstrução da Cerâmica, e sim da restauração das partes preservadas. Kühl (2006) defende o ato de restauração como um ato de respeito e suporte da memória coletiva

A restauração é ato crítico que, alicerçado no reconhecimento da obra e de seu transformar no decorrer do tempo, insere-se no tempo presente – jamais se colocando em qualquer uma das fases por que passou a obra, muito menos no momento de sua criação -, em que se intervém em obras do passado, de maneira criteriosa, com vistas à sua transmissão para as próximas gerações, mantendo sempre, portanto, o futuro no horizonte de suas reflexões. É ato de respeito. Pelo passado, interpretado no presente e voltado para o futuro, para que os bens culturais possam continuar a ser efetivos e fidedignos suportes da memória coletiva (KÜHL, 2006, p.5).

Segundo IPHAN, no documento de educação patrimonial de 2014, as políticas de preservação estão inseridas em um campo de conflitos e negociações entre diferentes segmentos, setores e grupos sociais envolvidos na definição dos critérios de seleção, na atribuição de valores e nas práticas de proteção dos bens e manifestações culturais acauteladas. Conflitos provenientes muitas vezes pela desigualdade e assimetria no processo de desenvolvimento socioeconômico, em que tem nas grandes concentrações metropolitanas o estímulo ao processo de especulação imobiliária, gerando a substituição de edificações e espaços sociais, a segregação de populações e a limitação do usufruto dos ambientes públicos e comunitários. Resulta desse processo o desequilíbrio de representatividade em termos da origem étnica, social e cultural, o que provoca, por sua vez, uma crise de legitimidade e uma baixa identificação da população, em alguns casos, com o conjunto do que é reconhecido oficialmente como Patrimônio Cultural Nacional.

Ao conquistar o direito de ocupação da Cerâmica São Luiz, a ONG VivaCidade assumiu o papel de exercer, planejar, e criar práticas educativas, formais e não formais, a fim de gerar vínculo, pertencimento e um espaço histórico e cultural para a cidade de Ribeirão

Preto. Essas práticas são diversificadas e tem como objetivo a educação patrimonial e ocupação cultural da Cerâmica São Luiz.

4.4 A ocupação cultural como prática de educação patrimonial

Em 2018, foram realizados onze (11) eventos pela ONG VivaCidade em parceria com diversos grupos e coletivos da cidade que propiciaram o encontro entre a comunidade, artesãos, artistas e pesquisadores. Foram eventos de formação, festivos, de luta, de divulgação, troca de saberes e de ocupação do espaço. Segundo o levantamento, os eventos somados apresentam um total de 3571 pessoas.

São protagonistas os diversos grupos que em diálogo movimentam o espaço e criam oportunidades de conhecimento da história da cidade através da ocupação do bem, mas que o ressignificam enquanto espaço vivo de experiências culturais. É preocupação da ONG e daqueles que atualmente ocupam o espaço, o desenvolvimento sustentável, a fim de possibilitar o acesso de forma que gere conhecimento, significados e pertencimento da população em relação a um patrimônio cultural. Para isso, os eventos divulgados via *facebook*, com as mais diferentes temáticas e objetivos considera o caráter mutável da cidade, das pessoas, das identidades. No caso da Cerâmica, os eventos geram movimento, apropriação, nova função ao espaço, tornando-a referência cultural na cidade. Trazem em si também a história, a marca e a potência de propiciar um espaço educativo, espaço de memória construído a partir da materialidade, antigas e novas histórias de pessoas e modificações urbanas marcantes do passado e no presente que o patrimônio industrial proporcionou.

Neste caso, a Conservação Integrada fez-se presente no sentido em que a preservação do bem procurou estruturar-se sobre bases democráticas, de modo que contou e conta com a ação múltipla de sujeitos sociais locais e regionais, tem o caráter não-governamental e possibilita a participação popular enquanto colaboradores na preservação do bem e também como participantes no processo de identificação, produção de conhecimento, fiscalização e gestão (MEDEIROS, 2015).

Cabe salientar que historicamente, nas décadas de 1980 e 1990, a Conservação Integrada tinha um caráter de revitalização ou reabilitação de áreas abandonadas ou obsoletas, de modo que se relacionou com um movimento de recuperação econômica e do valor imobiliário de construções históricas, principalmente aquelas protegidas por instrumentos legais de tombamento, localizadas em áreas centrais. Gradativamente, a conservação urbana passou a agregar valor à economia urbana das localidades e tornou-se um instrumento

poderoso de atração de investimentos privados supra regionais ou internacionais. Historicamente, segundo Zancheti e Lapa (2012)

A apropriação dos princípios da Conservação Integrada pela “direita” deveu-se ao sucesso das políticas de recuperação de áreas centrais de cidades norte-americanas, que surgiram dos movimentos de recuperação da “main street” e da criação de “shopping centers” e áreas de recreação nas zonas urbanas centrais (Frieden, Sagalyn, 1994). Essas políticas aceitam que os bons resultados compensam socialmente a expulsão de habitantes e pequenos negociantes, por meio do processo de gentrificação, que é o resultado da reabilitação de áreas históricas, deterioradas e obsoletas, no qual as áreas passam por um processo de valorização das propriedades imobiliárias, atraindo usuários que pagam valores mais elevados (ZANCHETI e LAPA, 2012, p 19).

Justamente contrário a esse processo, a ONG VivaCidade tenta através dos eventos gratuitos, propiciar o acesso ao bem tanto da população que usufrui além de artistas, artesão, produtores culturais da cidade que podem oferecer seus trabalhos aos frequentadores. A educação patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, de modo que com a apropriação social do patrimônio cultural seja possível compreensão sócio histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação (IPHAN, 2014). Torna-se

[...] imprescindível que toda ação educativa assegure a participação da comunidade na formulação, implementação e execução das atividades propostas. O que se almeja é a construção coletiva do conhecimento, identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local. Ação transformadora dos sujeitos no mundo e não uma educação somente reprodutora de informações, como via de mão única e que identifique os educandos como consumidores de informações (IPHAN, 2014, p.20).

A educação que pretende a valorização e preservação do patrimônio, passa pelo processo de pertencimento, de diálogo, de construção coletiva, de identificação como sujeito histórico e transformador no mundo. As iniciativas devem ser encarnadas como recursos fundamentais para a valorização da diversidade cultural e para o fortalecimento da identidade local, fazendo uso de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem construídas coletivamente (IPHAN, 2014).

Cabe lembrar, que além dos eventos a ONG VivaCidade oferece coletivamente com outros grupos uma biblioteca - contendo acervo de literatura contemporânea, enciclopédias, histórias em quadrinhos e fanzines; um arquivo histórico- com documentos e publicações sobre a cidade de Ribeirão Preto; uma discoteca- com um acervo de mais de mil discos de música brasileira e internacional; salas multiuso- para aulas, reuniões, ensaios, sendo que o espaço atua como sede de vários grupos culturais que desenvolvem atividades diversificadas.

Essa atuação gera movimento constante da Cerâmica São Luiz e possibilita uma integração com o espaço, ocupação e geração de oportunidades para a comunidade. Tornou-se prática cotidiana, o que gera experiências educativas das mais diversificadas. A preservação passa pelos lugares, pelas edificações, pelos objetos, pela natureza, mas também pelo fluxo criado pelas pessoas, seus bens culturais e a vida cotidiana em constante transformação, em diálogo com passado, presente e, apontando para o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Cerâmica São Luiz é um patrimônio industrial, histórico e cultural da cidade de Ribeirão Preto. Através desta pesquisa foi possível levantar dados históricos que ainda não estavam acessíveis e que revelaram uma história em consonância com a história da própria luta acerca da consolidação do patrimônio industrial que demonstra o reconhecimento do poder público e civil da importância da preservação, memória, e identidade acerca de um bem. Bem que é herança, carrega em si a arquitetura, os objetos, o maquinário, mas que traz símbolos, mudanças de vida, de formas de viver, de enxergar o mundo, de construir novos mundos. Em si, revela o potencial humano de uma época e que reverbera no presente, seja pela presença da Cerâmica, pelos bairros adjacentes criados pela necessidade do trabalho, seja pela memória dos velhos.

A preservação, a luta, a compreensão da importância do patrimônio passa pela sua reconfiguração de modo que a comunidade faz a ocupação, usufrui, vive outras histórias e percebe o local como portador do passado, mas em constante diálogo com o presente, apontando para o futuro. Torna-se parte do cotidiano e questiona se a destruição é sinônimo do novo, visto que a Cerâmica se reconstrói a partir do momento que as pessoas ocupam e dela fazem um espaço cultural dinâmico em constante diálogo com as mudanças na sociedade.

A pesquisa foi um momento revelador para mim e acolhedor ao ponto que pude tomar contato com a história de Ribeirão Preto, assim como a potência, a força e a luta das pessoas que ocupam, preservam e reinventam um local histórico e cultural da cidade. As visitas e participações foram momentos de encontros, de esperanças e de fortalecimento da ideia de que vale a pena lutar coletivamente para a construção de relações humanas que valorizam a memória coletiva e oportunizam a partir da ocupação o fazer artístico, cultural, de pesquisa e de educação patrimonial.

Ainda há muita história para ser redescoberta. A pesquisa não se esgota, visto que ainda há a memória daqueles que vivem e se reaproximam da Cerâmica para recontar as histórias de tempos passados. A memória das pessoas que construíram e trabalharam na Cerâmica ainda está sendo recolhida e se apresenta aos poucos ao passo que o espaço se torna um espaço cultural de educação patrimonial, reconstrói vínculos e possibilita a escuta de tais histórias que ainda podem ser ouvidas das pessoas mais velhas.

A Cerâmica São Luiz passou a ser um marco na luta pelo patrimônio a partir do momento em que houve uma conscientização, educação e possibilidade para a sociedade civil

agir e perceber o espaço como um espaço de identidade e história de Ribeirão Preto. Essa luta pode ser um exemplo da potência de uma educação patrimonial capaz de fortalecer e dar ferramentas para que pessoas entendam a importância de um patrimônio. Para além disso, ao ocupar, preservar e transformar o espaço em um lugar de cultura e educação, a ONG VivaCidade ampliou as possibilidades de experiências, vivências e apropriação do espaço e da memória para outros grupos e outras pessoas com uma diversidade de ações que possibilitam o compartilhamento de diversos trabalhos artísticos, culturais e de formação.

Espera-se que a presente pesquisa fortaleça o trabalho já desenvolvido na Cerâmica São Luiz e que seja um meio de acesso a história do patrimônio e que seja um material de apoio, que possibilite o fortalecimento do trabalho realizado, seja mais um meio de educação patrimonial deste espaço rico, acolhedor, histórico, de luta, cultural que é a Cerâmica São Luiz.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Esterzilda Berenstein. **Patrimônio industrial no Brasil**. USJT - arq.urb - número 3/ primeiro semestre de 2010.
- BELLO, José Luiz de Paiva. **Metodologia Científica: manual para elaboração de monografias**. Universidade Veiga de Almeida – UVA. Rio de Janeiro – 2009.
- BERTOCCO, Cristiane, MEDEIROS, Ana Elisabete. **Sustentabilidade, Planejamento Urbano e Instrumentos de Gestão do Patrimônio e da Paisagem Cultural em Bento Gonçalves/RS**. Olhares da Reabilitação Ambiental Sustentável. Paranoá14. p.105-114.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação**. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPRON, 1996.
- BRASIL. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Portaria nº420 de 22 de dezembro de 2010. Dispõe sobre os procedimentos a serem observados para a concessão de autorização para realização de intervenções em bens edificados tombados e nas respectivas áreas de entorno. Diário Oficial da União, Seção 1, n. 246. P. 09-12.
- CAMPOS, Zóia Vilar. Italianos em São Paulo: de colonos a empresários do açúcar. 1876 - 1941. In: **Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo**. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006.
- CASTRO, Fernanda M. M; SPINOLA, Carolina A. Metodologia de pesquisas na internet: breves considerações sobre uma pesquisa qualitativa em turismo nas redes sociais. In: **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, Penedo, vol. 5, n.1, p. 170-188, 2015. <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>
- CORDEIRO, José Lopes. Algumas questões para a salvaguarda do Patrimônio Industrial. In: **SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA E ENERGIA**. 1., 1987, São Paulo. Anais... São Paulo: Eletropaulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1987. 1v.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 4. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.
- HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- IPHAN, **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: Histórico, conceitos e processos**. 2014.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação. Título do periódico: **Patrimônio**. Revista Eletrônica do IPHAN. Volume/Número/Paginação/Ano: n.4, online, mar./abr.2006. Disponível em: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=165>

LACERDA, Norma. Valores dos Bens Patrimoniais. In: **Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e Métodos**/ Norma Lacerda e Sílvia Mendes Zancheti / Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, D. A. Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. – São Paulo: EPU, 1986.

MELLO e SILVA, Leonardo. **Patrimônio industrial: passado e presente**. Revista eletrônica do IPHAN. São Paulo, 2006. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/patrimonio_industrial_passado_e_presente.pdf

MINAYO, M. C. (Org). **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. 14. Ed. Vozes; Petrópolis, 1999.

OLIVEIRA, Eduardo Romero. **ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL, PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E SUA DIFUSÃO CULTURAL**. Outubro de 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/309431218>

RIBEIRO, Cecília; LIRA, Flaviana. Autenticidade, Integridade e Significância Cultural. In: **Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e Métodos**/ Norma Lacerda e Sílvia Mendes Zancheti / Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2012.

SABALLA, Viviane Adriana. Educação Patrimonial: “lugares de memória”. Revista **MOUSEION** – Volume 1. (junho/2007) p.23-25.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. IN: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, v. 13, nº. 38, 1998.

SILVA, Rodrigues; ANDRÉ, Ronaldo. **O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL BRASILEIRO: MEMÓRIA E CULTURA INTERDISCIPLINAR**. II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades Belo Horizonte, de 8 a 11 de outubro de 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265851153>

SCHLEE, Andrey, MEDEIROS, Ana Elisabete e FERREIRA, Oscar. Dissociação, Fragmentação e União – A experiência do ensino de Técnicas Retrospectivas. In: **Anais I Seminário Projetar. Natal, 2003**. Disponível em: <http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/1173/1/CO46.pdf>

SERRA, Daniela Campos de Abreu. **A participação da sociedade civil organizada na gestão do patrimônio cultural de Ribeirão Preto: o CONPPAC/RP** / Daniela Campos de Abreu Serra. – Franca: UNESP, 2006.

SILVA, Adriana Capretz Borges. **Expansão urbana e formação dos territórios de pobreza em Ribeirão Preto: os bairros surgidos a partir do núcleo colonial Antônio Prado (1887)**. – São Carlos: UFSCar, 2008.

TICCIH. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. **Documentation**. Disponível em <<http://www.mnactec.com/TICCIH>>.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. – **Indústrias Matarazzo em Ribeirão Preto**. Fundação Instituto do Livro, 2010. 100 pg.; (Coleção Identidades Culturais, n.2)

ZANCHETI, Silvio Mendes, AZEVÊDO, Gabriela Magalhães e NEVES, Carolina Moura (org). **A conservação do Patrimônio no Brasil: teoria e prática. Olinda: Centro de Estudos da Conservação Integrada**, 2015.

ZANCHETI, Silvio M; LAPA, Tomás. Conservação Integrada: Evolução Conceitual. In: **Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e Métodos/ Norma Lacerda e Sílvia Mendes Zancheti / Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada**, 2012.

APÊNDICE

Quadro 1: Caracterização dos documentos localizados no acervo da Cerâmica São Luiz.

Tipo de documento	Autor/a	Título / Tema	Referência	Local e data
Pesquisas	SILVA, Adriana Capretz Borges	Paisagens da memória	Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Moura Lacerda	Ribeirão Preto, 1998.
	BARBI, Carolina Aparecida	Parque São Luís - Frigorífico Morandi, Fábrica de Bebidas Gino Alpes e Cerâmica São Luís: Proposta de um Parque Público	Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Paulista - UNIP	Ribeirão Preto, 2000.
	SILVA, Adriana Capretz Borges	Imigração e urbanização: o Núcleo Colonial Antônio Prado em Ribeirão Preto	Dissertação de mestrado em Engenharia Urbana pela Universidade Federal de São Carlos	São Carlos, 2002.
Documentos	Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural	Tombamento Cerâmica São Luiz. Procedimento	Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto – Procuradoria Geral do Município	Ribeirão Preto, 07 de abril de 2003.
	Ministério Público do Estado de São Paulo	Ação civil pública ambiental	Ministério Público do Estado de São Paulo	Ribeirão Preto, 25 de abril de 2003.
	Ministério Público do Estado de São Paulo	Termo de acordo	Ministério Público do Estado de São Paulo	Ribeirão Preto, 10 de julho de 2003.
	Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Ribeirão Preto - CONPPAC	Acolhimento do acordo e declaração do tombamento da Cerâmica São Luiz	Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Ribeirão Preto - CONPPAC	Ribeirão Preto, 05 de agosto de 2003.
	Livro de Tombo – Volume I	Tombo nº 0002. Designação: Elementos remanescentes da antiga Cerâmica São Luiz. Natureza: Bem cultural material. Categoria: Patrimônio Arquitetônico.	Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto – SP Livro de Tombo – Volume I	Ribeirão Preto, 28 de janeiro de 2004
	1º Oficial de Registro de imóveis, títulos e documentos e civil de pessoa jurídica – Ribeirão Preto	Registro Geral da Cerâmica São Luiz	Matrícula 115.042. Ficha 01. Livro nº 2	Ribeirão Preto, 28 de janeiro de 2004.

Tipo de documento	Autor/a	Título / Tema	Referência	Local e data
Jornais	Secretaria da cultura	Resolução 01/2003 – CONPACC acerca do tombamento.	Diário Oficial	Ribeirão Preto, 11 de novembro de 2003.
	S/ Autor	Após pressão do MP, empresa investe no patrimônio de RP	Página B-2, Tribuna	Ribeirão Preto
	S/ Autor	Acordo no MP abre processo de preservação do patrimônio	S/ fonte	Ribeirão Preto
	S/ Autor	Prefeito assina acordo que permite utilização do prédio da antiga Cerâmica São Luiz	S/ Fonte	Ribeirão Preto

Quadro 2: Reportagens sobre a Cerâmica São Luiz

Tipo de documento	Autor/a	Título / Tema	Referência	Local e data
Notícias	Nova Câmara, Ribeirão Preto	Marcas da História Seleção de fotografias do repórter fotográfico Newton Barbosa, produzidas em 33 anos de trabalho jornalístico.	http://www.camararibeirao-preto.sp.gov.br/historia/marca-hist.php	Câmara Municipal de Ribeirão Preto. S/ data
	Associação cultural e ecológica – Pau Brasil	Realiza denúncia de demolição da Cerâmica São Luiz, patrimônio histórico, para construção de um hipermercado	http://www.paubrasil.org.br/st-historico.php?pagina=2003	Ribeirão Preto, 2003
	Orestes Moquenco – Jornal A Cidade	Ribeirão Preto/SP: Cerâmica querida	https://www.unisantos.br/poos/revistapatrimonio/painel755c.html?cod=1284	Abril de 2006
	Bruno Silva	ONG realiza mutirão de limpeza na antiga Cerâmica São Luiz - Desativado desde 2010, espaço recebia atividades do Centro de Documentação e Educação Patrimonial, desenvolvidas pela ONG Vivacidade	https://www.revive.com.br/editorias/gerais/ong-realiza-mutirao-de-limpeza-na-antiga-ceramica	Ribeirão Preto, 27 de fevereiro de 2015
	Paulo Apolinário	Integrantes de ONG alegam terem sido impedidos de entrarem na sede, em Ribeirão Preto	https://www.revive.com.br/noticias/cultura/integrantes-de-ong-sao-impedidos-de-entrarem-sua-sede-em-ribeirao-preto/	Ribeirão Preto, 01 de maio de 2018
	Redação Tribuna	‘CONEXÕES RIBEIRÃO’ – Projetos da VivaCidade na antiga Cerâmica São Luiz	https://www.tribunaribeirao.com.br/site/conexoes-ribeirao-projetos-do-vivacidade-na-antiga-ceramica-sao-luiz/	Ribeirão Preto, 18 de junho de 2018
Vídeos	TV FULIGEM	Vivacidade - Cerâmica São Luiz (mutirão)	https://www.youtube.com/watch?v=Hri2W39py-o	Ribeirão Preto, 03 de abril de 2015
	Vivacidade	Histórias da Cerâmica #1 - Daniela Campos	https://www.facebook.com/vivacidaderp/videos/1831786423701456/	Ribeirão Preto, 10 de janeiro de 2017
	Vivacidade	Histórias da Cerâmica #2 - Tania Registro	https://www.facebook.com/vivacidaderp/videos/1815940161952749/	Ribeirão Preto, 20 de fevereiro de 2017
	Casa da Memória Italiana CMI	Família Marchesi - Documentário Projeto PROAC Memória Italiana	https://www.youtube.com/watch?v=9k5s8q26uTM	Ribeirão Preto, 24 de agosto de 2017

Tipo de documento	Autor/a	Título / Tema	Referência	Local e data
	MandalaFilmes	Cerâmica São Luiz	https://www.youtube.com/watch?v=Yjepiknk8uc	Ribeirão Preto, 28 de agosto de 2017
	MandalaFilmes	RESUMO DO PROJETO - "Ocupar é preservar - 14 anos de Cerâmica São Luiz	https://www.youtube.com/watch?v=Z-6rgWw8yHU	Ribeirão Preto, 29 de novembro de 2018

Quadro 3: Eventos realizados na Cerâmica São Luiz no ano de 2018

Título do evento	Breve descrição	Estimativa de público (segundo interesse demonstrado via facebook)	Data
Cerâmica Literária	<p>E foi dada a largada para o projeto "Ocupar é Preservar - 14 anos do Centro Cultural Cerâmica São Luiz" - realizado pela Vivacidade em parceria com Secretaria de Cultura do Estado e Governo do Estado de São Paulo.</p> <p>Durante todo o ano de 2018, o Centro Cultural Cerâmica São Luís receberá uma programação cultural diferente a cada mês!</p> <p>Para abrir o projeto, em abril, teremos a Cerâmica Literária!</p>	272 pessoas demonstraram interesse	10 a 15 de abril
Feira Popular de Dia das Mães	O evento irá reunir mais de 40 pequenos empreendedores, entre artesãos, artistas, chefs de cozinha, foodtrucks, representantes de instituições solidárias e produtores agrícolas de Ribeirão Preto e região.	156 pessoas demonstraram interesse	05 e 06 de maio
Festa Junina Saudosa Cerâmica	Ara sô, num é que já chegou o tempo das quermesses? Por isso, a Vivacidade convida à todos para a Festa Junina Saudosa Cerâmica. Traga seus amigos e familiares para aproveitar nossa programação cultural e, claro, se deliciar com comidas típicas de um arraial.	214 pessoas demonstraram interesse	16 de junho
Ginga Cerâmica	No mês de junho o Centro Cultural Cerâmica São Luiz celebra as culturas e manifestações tradicionais que formam nossa identidade. Por isso, no dia 23/06, sábado, acontece a Ginga Cerâmica para celebrar as culturas afro-brasileiras. Esperamos você e toda sua família para mais um dia de muita música, intervenções e acarajé! Entrada gratuita!	202 pessoas demonstraram interesse	23 de junho
Cerâmica Mostra Teatro	A Cerâmica Mostra Teatro chega a sua segunda edição e convida à todos para acompanhar sua programação com espetáculos, intervenções, sarau e um belo encerramento com música ao vivo! Traga amigxs e toda a família para a Cerâmica. TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA	203 pessoas demonstraram interesse	11 a 14 de julho
3º Mulheres à Mostra	Organizada e idealizada por mulheres de maneira colaborativa, a terceira edição das Mulheres à mostra tem o intuito de abrir espaço para mulheres exporem seus trabalhos, trocar experiências, se conhecerem, se conectarem, se apoiarem.	1200 pessoas demonstraram interesse	4 e 5 de agosto

Título do evento	Breve descrição	Estimativa de público (segundo interesse demonstrado via facebook)	Data
Oficina de Comunicação para Grupos Artísticos e Empreendimentos	Você quer aprender como otimizar suas redes sociais e fazer sua divulgação chegar ao seu público? O Centro Cultural Cerâmica São Luiz recebe a Oficina de Comunicação Para Grupos Culturais e Empreendimentos Criativos.	85 pessoas demonstraram interesse	25 de agosto
Oficina Maquiagem Cênica - princípios para a criação	A oficina pretende desenvolver habilidades técnicas de criação e execução de maquiagem teatral. O participante aprenderá diferentes tipos de maquiagens apoiados em técnicas que possibilitam a eficácia do trabalho.	81 pessoas demonstraram interesse	26 de agosto
Festival Ocupar É Preservar	Para encerrar o projeto Ocupar É Preservar - 14 Anos de Centro Cultural Cerâmica São Luiz - convidados à todxs para um final de semana cheio de ideias e manifestações. Venha discutir sobre Patrimônio Histórico e aproveitar o dia com os amigos e família na nossa querida Cerâmica!	253 pessoas demonstraram interesse	29 e 30 de setembro
O Show Tem que Continuar - Pela Democracia	Em tempos sombrios, a arte salva! Artistas de Ribeirão Preto se unem a favor da Democracia! Contra o discurso de ódio. A favor da igualdade!	692 pessoas demonstraram interesse	21 de outubro
Latinas #1 - Encontro de Compositoras com La Múcura (Colômbia)	Neste feriado de 02/11 receberemos as queridas cantoras do La Múcura lá da Colômbia!	213 pessoas demonstraram interesse	02 de novembro